

Cumbuca

Aracaju - Ano IV · Nº 12 Dezembro/16 · R\$10,00



Etadelson
2016

 EDISE

ISSN 2317-5337





Expediente

Editor

Amaral Cavalcante

Produção

Cândida Oliveira

Design Gráfico

Felipe Ferreira

Guto Arcieri

José Clécio

Revisão

Yuri Gagarin

Coordenador de Pré-impressão

Marcos Nascimento

Assessoria Técnica

Jeferson Melo

Gerente Editorial

Fabiana Almeida

Colaboradores - Neste Número

Murillo Melins (memorialista) • Ronaldson Sousa (crítico de artes) • Enzo Ferrara (crítico de artes) • Tetê Nahas (atriz) • Antonio Nahud (escritor) • Gustavo Aragão (poeta) • Luduvise José (poeta) • Ana Maria Fonseca (escritora/pesquisadora) • Dilson Menezes (economista/escritor) • Antônio Saracura (escritor) • Claudfranklin Monteiro (historiador/pesquisador) • José Anderson Nascimento (escritor/pesquisador)

Cumbuca

Ano IV | Número 12

cumbuca@segrase.se.gov.br

(79) 3205-7421

Rua Propriá, 227 - Centro

Aracaju - SE



Governo do Estado de Sergipe

Governador

Jackson Barreto

Secretário de Estado de Governo

Benedito de Figueiredo

Secretário de Estado da Comunicação

José Sales Neto



Serviços Gráficos de Sergipe

Diretor-Presidente

José Macedo Sobral

Diretor Industrial

Mílton Alves

Diretor Administrativo-Financeiro

Ricardo José Roriz Silva Cruz

carta ao leitor

A 12ª edição da revista Cumbuca chega contando a histórias dos cabarés aracajuanos. O texto do imortal Murillo Melins faz lembrar o universo boêmio marcado por relações sociais de prazer e alegria. Um a um, os cabarés são detalhados com saudade.

Dilson Menezes Barreto conta sua experiência profissional ao trabalhar com José Aloísio de Campos, na Consultoria Técnica de Assuntos Econômicos e Financeiros. Lembra também da parceria entre José Aloísio de Campo e o governador Luis Garcia.

'Bosco Scaffs: o vanguardista sergipano' é o título do texto da atriz, bailarina e diretora teatral, Tetê Nahas, que fala do sergipano de Aracaju, ator, bailarino, dramaturgo, coreógrafo, cantor, astrólogo, compositor, artista plástico e um ser humano singular e generoso que por 40 anos, viveu e fez história.

O poeta e artista visual, Ronaldson Sousa retrata a vida e obra de Caã. "Suas telas são vibrantes e o efeito das cores cria cenários e atmosferas de luz, languidez de tempo, movimento em bucólicas paisagens interioranas, com o quê universal de cantar sua aldeia".

'Cultura no chão da praça', do professor Dr. Claudefranklin Monteiro Santos, aborda o cenário cultural da cidade de Lagarto - concursos de poesia, festivais de música, encontros, exposições, vernissages, shows, entre outros.

Em 'Ana Denise e linhas que se cruzam', Enzo Ferrara apresenta obras cheias de personalidade e criatividade, da artista naïf Ana Denise. Essa arte é uma corrente que aborda os contextos artísticos de modo espontâneo e com plena liberdade estética e expressão.

A Editora do Diário Oficial de Sergipe, órgão suplementar da Empresa Pública de Serviços Gráficos de Sergipe está comemorando sete anos em 2016. Conheça os eventos nacionais e internacionais por quais passou a Edise.

O imortal Antônio Saracura nos enriquece com três momentos na feira de Itabaiana. São poesias que tratam dos tijolos, redes e fumo de rolo.

A também imortal Ana Maria Fonseca Medina lembra 'Carmelita Fontes, a Gratia Montal'. Gratia Montal era o pseudônimo com que assinou por vários anos uma coluna no Jornal A Cruzada. Muitas das crônicas eram relatos do tempo vivido no Velho Mundo.

O aracajuano Gustavo Aragão Cardoso nos brinda com sua poesia, bem como o jornalista Luduvic José presenteia os leitores com suas memórias sobre a influência da Academia Sergipana de Letras de Jovens Escritores.

Boa leitura!

José Macedo Sobral
Presidente da Segrase

Diário Oficial

Os cabarés da antiga Aracaju
Murillo Melins

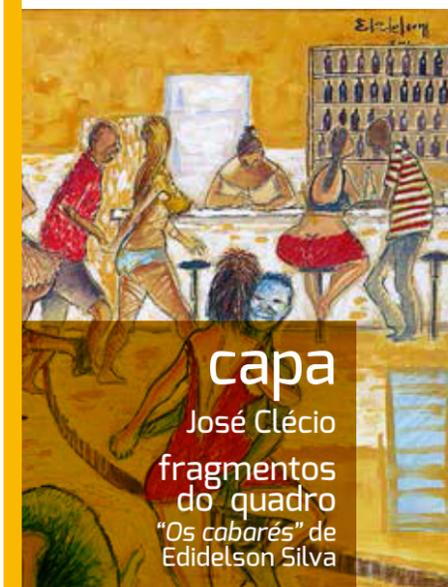


04



14

Caã: telúrico e sensorial
Ronaldson Sousa



capa

José Clécio
fragmentos do quadro
"Os cabarés" de Edidelson Silva

Ana Denise
linhas que se cruzam
Enzo Ferrara



22

Norma Bengell:
o ocaso de uma musa
Antonio Nahud



36

José Aloísio de Campos e o desenvolvimento de Sergipe
Dilson Menezes Barreto



56

Bosco Scaffs:
o vanguardista sergipano
Tetê Nahas



26

Carmelita Fontes, a Gratia Montal
Ana Maria Fonseca



52

Na feira de Itabaiana
Antônio Saracura



62

46 - Poesia
Gustavo Aragão
Luduvic José

68 - Cultura no chão da praça
Claudefranklin Monteiro

74 - Olhares sobre a Academia Sergipana de Letras
José Anderson Nascimento

80 - EDISE



OS CABARÉS

**DA ANTIGA
ARACAJU** *Murillo Melins*

ilustrações **Edidelson Silva**

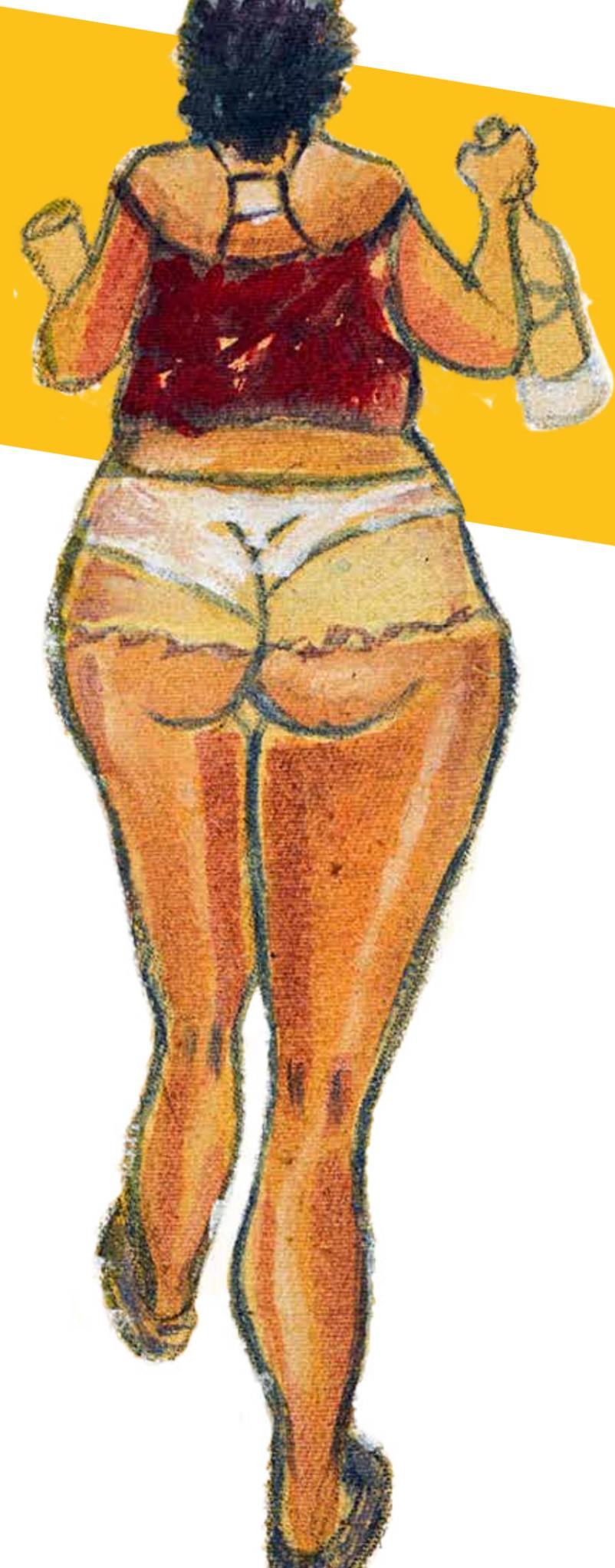
Apagaram-se as luzes dos cabarés, oráculos da lascívia. Universo boêmio marcado por relações sociais de prazer e alegria. Ambiente cultural reluzente, dançante e envolto em bebidas, que prestava serviços amorosos, onde se fazia amor às claras e às escondidas, incendiando os corações de prazeres.

Os boêmios de ontem, cabelos fixados com Gumex ou untados com brilhantina Coty, vestidos em terno branco diagonal 5-120, calçando um sapato de bico fino bicolor, olhar refletido pelo clarão da lua, desapareceram do cenário noturno.

A boemia, no bom sentido, acabou....



“Em Aracaju
tinha cabaré para
todos os gostos e
todos os bolsos,
onde imperavam
as ‘Estrelas da
Noite’, as ‘Filhas de
Afrodite’ ”



Retrocedendo no tempo algumas décadas, proponho sob minha ótica borderjar de *per si*, nas noites dos cabarés da Aracaju antiga que, com esplendor, glamour e melancolia escreveram a história boêmia da cidade, até a sua pálida decadência.

Em Aracaju tinha cabaré para todos os gostos e todos os bolsos, onde imperavam as “Estrelas da Noite”, as “Filhas de Afrodite,” animando a noite dos notívagos poetas, farristas, beberões, e todos que procuravam diversão e sexo. Para os jovens castos e pudicos, era o espaço de afirmação masculina.

As casas noturnas de então, eram locais de trabalho para os gigolôs, cafteens, rufiões, músicos, bailarinas prostitutas que **eram os donos da noite, viviam da noite e para noite**, tinham a alma e a fama de românticos.

Onde os boêmios de Aracaju se divertiam:

CASSINO ATLÂNTICO da Rua do Barão, inaugurando o edifício Macedo, animado pelo conjunto musical do maestro Genaro Plech, acompanhando cantores da terra ou artistas convidados, como a embaixatriz do samba Lupe Ferreira. Estavam à disposição dos frequentadores, para fazer sala e dançar, as damas **Doninha Piula, Branca, Ana Maria, Maria Fausta** e as putas internacionais polacas, espanholas e francesas que aqui desembarcavam dos navios do

Loyde para fazer temporada naquele feérico Cassino.

CASSINO 5 DE JULHO de Brasileiro localizado à Rua São Cristóvão com Itabaianinha, sob a direção musical do maestro **Placha** acompanhando ao piano o barítono português **Júlio Moreno** e a cantora de músicas dolentes **Marlene Navarro**, ou a sensual **Leila Verbena** que se apresentava seminua, estimulando nos lascivos o impulso aos desejos. Os casais rodopiavam pelo luxuoso salão até altas horas, dançando ao som dos contagiantes ritmos do Charleston, do Black-Bottom, do Choro ou do Foxtrote.

CABARÉ DA BRAHMA localizado à Rua João Pessoa, próximo ao Palácio do Governo e residências aristocráticas, animou a noite boêmia da cidade, embora sob protestos de alguns chibantes moradores que se sentiam ofendidos com a presença de um cabaré em lugar impróprio “*enodoando* a cidade”, como diziam” incomodados com a aglomeração de boêmios, meretrizes e bêbados, com suas estrepitosas gargalhadas e os gritinhos histéricos das “meninas”, pelas imediações. Apesar de tudo, o Brahma continuava a ser a casa noturna preferida dos rapazes folgazões, boêmios da cidade e cocotes de luxo que ao som do Jazz-Band do pianista **Carlo Rubem**, dançavam animadamente o Samba, o Fox, o Bolero, e paravam para assistir ao show

de rumbeiras ou para ouvir valsas e modinhas cantadas pelos seresteiros **Moraes, Britto** ou **Madureira**.

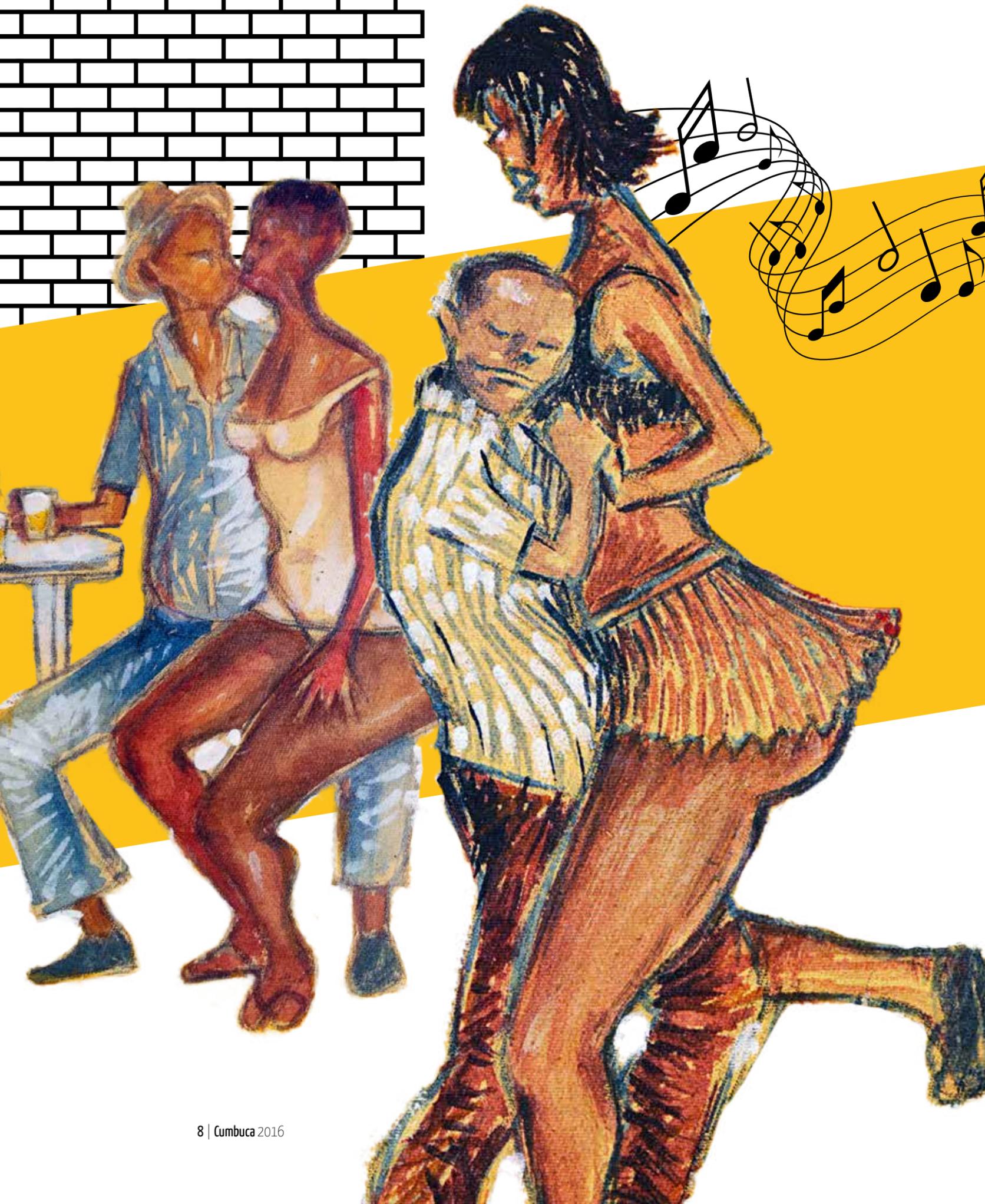
CASSINO BELA VISTA próximo ao Vaticano, olhando o Mercado Municipal, realização do empresário **Luiz Chagas** nos anos 30, ocupando o primeiro andar do majestoso edifício que até hoje teima a ficar de pé, Meca dos boêmios endinheirados, e malandros espertos, sem crime contra a vida.

Casa de prazeres que funcionou ininterruptamente até os anos sessenta, tendo passado por diversos donos a exemplo da gorducha Enedina e seu gigolô Eliseu que, com a visão empresarial e artística, reformou as velhas instalações, pintando paredes com imagens exóticas de mulheres seminuas, e paisagens bucólicas.

Ao transpor a escadaria que dava acesso ao salão, defrontava-se com um belo e enorme painel retratando o templo de Kio-to e uma bela gueixa contemplativa, quadro assinado pelo pintor Aderaldo Argôlo.

Tomou novo aspecto o confortável salão de danças com espaço adequado para o conjunto musical comandado por **Zé Luiz** ao pistom, **Ivo** no trombone de pisto, **Barbosa** de sax Alto, **Roque** na Bateria, **Beto** ao banjo.

Quartos providos de cama, guarda-roupa com espelho, criado-mudo, jarro e bacia de ágata para higiene pós coito, foram adaptados para alugar à algumas mu-



“Estavam à disposição dos frequentadores, para fazer sala e dançar, as damas Doninha Piulla, Branca, Ana Maria, Maria Fausta e as putas internacionais polacas, espanholas e francesas que aqui desembarcavam dos navios do Loyde para fazer temporada”.

lheres das quais destaco: **Verdinha, Mau-ra, Arlete, Fuenga, Eulina**, que ali dançavam e passaram a fazer “vida”, naqueles cômodos cheios de mistério, verdadeiros “ninhos de amor”.

CASSINO IMPERIAL NIGHT CLUB do empresário conhecido por Toinho, sob a gerência do popular **Nelson de Rubina**, expert no ramo da boemia. Estava localizado à Avenida Carlos Firpo com Rua Divina Pastora.

Dotado de grande salão com palco para shows, orquestra, inúmeras mesas enfeitadas com flores artificiais, cadeiras confortáveis arrodando a pista de dança sintecada, onde corpos suados deslizavam inspirados pelos vapores etílicos ensaiando os passos de um Bolero, um passear no Foxtrote ou o puladinho, o facão, o cruzado e tesouras do Samba de Gafieira. Poucos se arriscavam a movimentarem-se em um tango portenho, salvo os “*pés de ouro*” **Nelson de Rubina, Decinho e Bizuca**.

No ar, aspiravam-se as fragrâncias das essências do *Senorial, Madeira do Oriente, Tabu, Flor de Maçã, Itamaraty, Suspiro de Granada e Promessa*, emanados dos corpos da irresistível **Gilda**, da deslumbrante **Linda**, de **Princesinha Tufi, Terezinha, Arlete, Fita, Lourdinha**, e a irreverência da esbelta **Candelária** e outras “taxi-girl”, importadas de Salvador, Maceió e Recife.

Foi contratado o experiente cabaretier **Príncipe Mário** que comandava as noitadas do Cassino Internacional Tabarís, de Salvador, para inaugurar e dirigir artisticamente o Imperial. A orquestra sob a direção do maestro **Carlo Rubem** era composta dos melhores músicos da cidade.

Iniciava-se a função noturna com o mestre de cerimônia Príncipe Mário trajando o seu já surrado smoking de longas eras profanas, indo ao meio do salão e eloquentemente em um espanhol de cais, solenemente anunciava “*E ahora senores jo voy apresentar para usted, mas uma noche de baile*”. Escolhia uma dama e dava uns passos de tango argentino.

O CASSINO IMPERIAL NIGTH CLUB, embora por duas vezes tenha sido palco de tiroteio, como o que vitimou o tenente Moacir, foi, por muitos anos, a casa noturna mais animada da boemia Aracajuana, que ainda hoje é lembrado pelos saudosistas.

BOATE XANGAI, de Tefinha, localizada no Beco dos Cocos, casa noturna requintada pioneira em usar iluminação indireta, com luz negra, ampla pista de dança, onde as profissionais bailarinas se esmeravam para agradar aos frequentadores que dançavam ao som do quinteto musical com **Milet** ao teclado, **Hilton Lopes** na bateria, **Priquitinho** ao violão tenor, **Louro** no trompete e o crooner **Antônio Teles**.



Na parte térrea estavam os amantes do pano verde das roletas que, ao ganharem ou perderem, subiam ao 1º andar para com as garotas comemorar ou afogar as mágoas.

BOATE MIRAMAR situava-se à Avenida Otoniel Dória, no andar superior de um velho edifício próximo ao Vaticano. Seu proprietário, **Tonho do Mira**, bom administrador e de gosto esmerado, decorou o espaço com pintura vistosa, caras cortinas, refletores, amplo palco para apresentação de cantores e shows. Casa cheia todas as noites graças a boa orquestra contratada e as variadas atrações artísticas.

Ir ao cabaré não significava somente buscar o sexo pago. Frequentava-se para beber, conversar com amigos ver um show. Enfim, para se divertir e relaxar nos chamados templos de amor carnal.

Lembro que uma dessas noites quando o famoso Luiz Gonzaga visitava o Miramar. O Rei do Baião foi surpreendido quando Núbia, a alegre dançarina, sentou-se ao seu colo. O fotógrafo “Canto do Rio” aproveitando a ocasião armou a câmara fotográfica e tirou uma foto. Luiz Gonzaga não gostou. Levantou-se e partiu

para cima do pobre fotógrafo, alcançando-o já na calçada onde lhe tomou a máquina e destruiu o filme - prova do crime.

Apresentaram-se no Miramar, além de cantores bregas e românticos, os Balés de: **Máezinha Golden Show, El Cubancheiro e Suas Rumbeiras** e o do famoso **Reginaldo Camargo**, composto por bonitas bailarinas, destacando a loura **Candelária** a dançarina de circo pernambucana que se desligou do balé e por aqui ficou, atuando no Chantecler, Imperial, Bambu e em outras casas noturnas, enfeitando os homens com sua beleza e lascívia.

Animaram as noites do **Mira** as conhecedoras de mistérios revelados à meia luz, as Estrelas da Noite: **Núbia, Purguinha, Alba, Bigodinho, Belinha, Maura, Júlia, Ivete**.

O vento da saudade trás aos meus ouvidos o som das músicas Escultura, Volta de Boêmio, Normalista, Boneca de Trapo, Alguém me Disse, transmitidas pelo alto falante instalado na fachada do prédio do **Miramar** e ouvidas por todo o trecho. As memórias dos que frequentaram o Miramar se eternizaram no tempo da história dos cabarés de Aracaju.

A FRESCA localizada à Avenida Coelho e Campos, no primeiro andar do Prédio conhecido como Nicola Mandarino, fundada pelo músico Amorim, Presidente do Bloco Carnavalesco **Fuzar-queiros Árabes**. Iniciou suas atividades nos anos pós 2ª Guerra Mundial. Cabaré popular frequentado por moças humildes movidas pelo impulso dos desejos e prostitutas amadoras que, sem condições de ostentar trajes luxuosos e exalarem as fragrâncias dos perfumes franceses - requisitos para ter acesso as Casas de Luxo - perambulavam pela zona e viam no novo *dancing* um espaço onde podiam ser apreciadas por seus dotes de dançarinas e atrair clientes para seu ninho de amor.

A Fresca viveu uma noite de glória que terminou com um fato inusitado do qual fui protagonista. Passando o “Rumba Dancing” de Salvador por uma reforma no seu salão de danças, e os músicos que ali tocavam estando de folga, razão pela qual convidei os amigos: bongoseiro **Tião**, o crooner e maraqueiro **Sandoval**, o trompetista **Homero** e o saxofonista **Odilon**, a passarem o feriado prolongado que se deu dos dias 5 de setembro ao dia

8, em nossa residência à Rua Estância que encontrava-se desocupada, em vista meus pais viajarem em férias.

Aceitaram o convite, chegando a Aracaju pelo trem da Leste. Após visitarmos os pontos turísticos da cidade, perguntaram-me qual o programa da noite. – Vamos à Fresca! Respondi. Cada um portando o seu instrumento, chegamos ao dancing; apresentei os visitantes ao Amorim que os recebeu com gentileza, oferecendo seus músicos a fazerem base do conjunto do Rumba.

Foi a noitada mais animada e alegre daquele humilde Cabaré. Para que se encerrasse a função, devido o adiantado da hora, e ainda com o salão repleto de dançarinos, alguém teve a ideia de encerrar a noitada com uma homenagem ao Sete de Setembro, tocando o Hino Nacional. Assim foi feito. Para surpresa dos músicos, os presentes, embora procurando adaptar os passos a cadência do ritmo marcial, continuaram dançando até o término do Hino Nacional

OS CABARÉS da zona do Bomfim eram espaços ligados ao submundo da cidade. Locais de sexo, bebida, jogo onde

Ir ao cabaré não significava somente buscar o sexo pago. Frequentava-se para beber, conversar com amigos ver um show. Enfim, para se divertir e relaxar nos chamados templos de amor carnal.

ABERTO

poeira levantada com o arrastar dos pés em danças cheia de volúpias nos salões cimentados, enchiam de pó nossas narinas e a fumaça dos charutos e cigarros nublavam as luzes tênues do ambiente.

Bereu, Maria Alice, Eulina, Amizade, Ditô, Elze, Manga Rosa, mulheres maquiadas exageradamente, escondendo olheiras bem pronunciadas à arrodar os olhos cansados pelas noites mal dormidas, passavam pelas ruas em busca dos cabarés *Stalingrado de Zé Fogo, O Fla-Flu de Otávio, o Pinga-Pus, o cassino Esperança, o Vinte e Um, frequentados por otários, gigolôs, bambas, proxenetas, boêmios.*

CABARÉ MOSCOU de Pedro Bigodão o mais luxuoso do *bas font*, fachada iluminada ostentando em letras garrafais: Salão de Dança Moscou. Na calçada clara, as bancas de **Cancão** do churrasquinho e do famoso mingau de **Mãe da Lua**.

Salão assoalhado, orquestra própria, acomodações confortáveis frequentado pelas famosas **Elisa Paca, Maria Motozinho, Estela, Menininha, Sindô, Rosalva, Elze, Madalena** exibindo seus corpos guardados sob vestes vaporosas, gingavam os seus quadris tentadores em dança erótica ao som de um samba apimentado, um bolero ou as dolentes envolventes canções: Escultura, Negue, Meu Nome é Ninguém. **Devaneio, Ro-**

sa, Súplica, provocando desejo ou ciúme dos atentos gigolôs **Heraldo Seixeiro, João Piula e Paulo Rosa**.

Com a proibição dos jogos de azar, algumas roletas giravam nos cabarés “por baixo dos panos”. Dentre eles, o Moscou, com duas mesas.

Baianinho, moço elegante, sempre a trajar um linho diagonal branco, emérito conquistador, mistura de cabaretier e jogador, não resistia à tentação do “pano verde”.

Em uma noite, enquanto estava animada a dança no Moscou e os habitués exultavam em aplausos com o floreado do saxofone em combinação com o trombone, e grande número de jogadores ao redor das roletas, começou uma grande confusão entre desordeiros. Espocaram alguns tiros, bancas arrastadas bruscamente, cadeiras e garrafas atiradas para todos os lados, a polícia chegou e todo mundo tratou de correr.

Baianinho, com seu corpanzil, vendo que a “parada tava dura, “bateu asas” e num (“voo cego”), passou por uma janela e desapareceu.

Refeita a ordem no cabaré, ouviu-se um abafado grito de socorro. Após algum tempo, localizaram de onde tinha vindo o tal pedido: era da velha latrina, uma sala assoalhada com orifício no centro, onde as pessoas ali acoradas satisfaziam suas necessidades fisiológicas.

Quando Baianinho pulou a janela, às pressas, as tábuas cederam e ele caiu na fossa cheia de dejetos, ficando atolado de merda até o pescoço, sem poder sair. Colocaram algumas cordas, içaram o mal cheiroso senhor e jogaram nele alguns baldes com água misturada com desinfetante Creolina foram gastos sabonetes Lifeboy, alguns litros de álcool com perfume Tabu, comprados às pressas na bodega de Humberto Corcunda, e providenciaram roupas limpas, cedidas pelo anfitrião daquela tumultuada noite, o Pedro Bigodão.

Antes de voltar para casa, Baianinho gratificou as pessoas que o ajudaram

naqueles momentos difíceis, pedindo reservas a todos sobre o ocorrido. Mais tranquilo, confidenciou a um amigo presente: – “Não me afoguei, porque tomei pé”.

Para infelicidade de Baianinho a notícia vazou. Muitas vezes, quando ele passava pela Rua João Pessoa, alguns brincalhões ou adversários políticos colocavam o lenço no nariz e exclamavam... FUUM...

Os cabarés de Aracaju, hoje sobrevivem apenas nos raríssimos registros deixados ao longo das décadas, fazendo parte da história da boemia de nossa cidade que do passado pouco restou.

Foi um tempo tão bom o vivido nas noites de boemia, tão bom que já se passou mais de meio século e até hoje, quando o recordo, mesmo sem mais beber, sinto até ressaca, que não sei se é a tal saudade. **C**





Caã: telúrico e sensorial

Ronaldson Sousa

Um nome artístico com três letras que mais parece um pio, um canto de pássaro: Caã. Uma onomatopeia para batizar Ronaldo Gomes de Oliveira, nascido em 1953, no Rio de Janeiro, mas tendo total identidade com o torrão sergipano desde os anos 60. Sua alma reflete a intimidade com a natureza sempre próxima desde a exuberância de Nova Iguaçu no Estado fluminense às paisagens mais sergipanas como a Atalaia Nova (Barra dos Coqueiros) e a Ribeira (Itabaiana).

Segundo texto de apresentação em seu site: “o nome escolhido por ele, atribuindo amar a natureza e a paz que se proporciona estar diretamente com ela, e a vontade de fixar as cores destas emoções em alguns lugares. Detalhe este muito bem experimentado pela tribo indígena dos Caás, que usam lamas e areias para projetar em pinturas momentâneas em pedras e em seus corpos, às margens do rio”.



“Caá traz o gene inaciano – o melhor de Inácio: a fluidez telúrica, a pureza, o ápice intuitivo e exato da cor”.

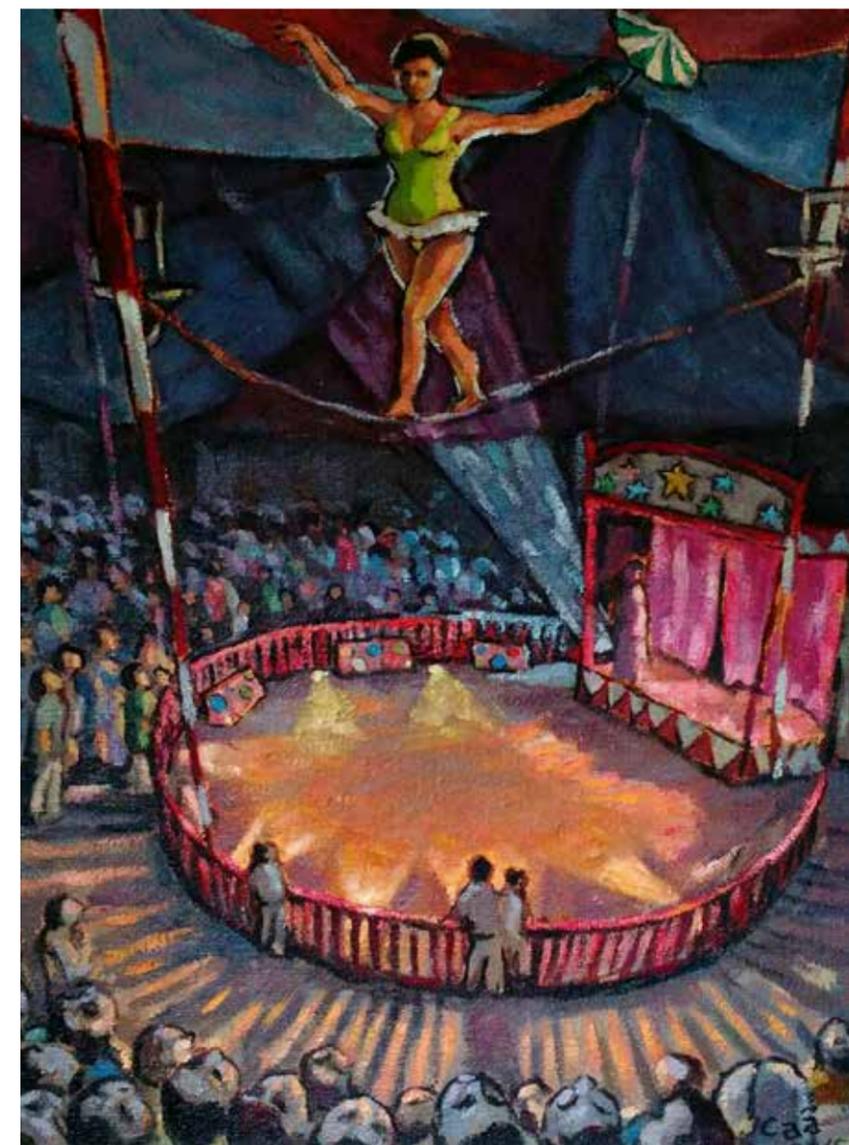
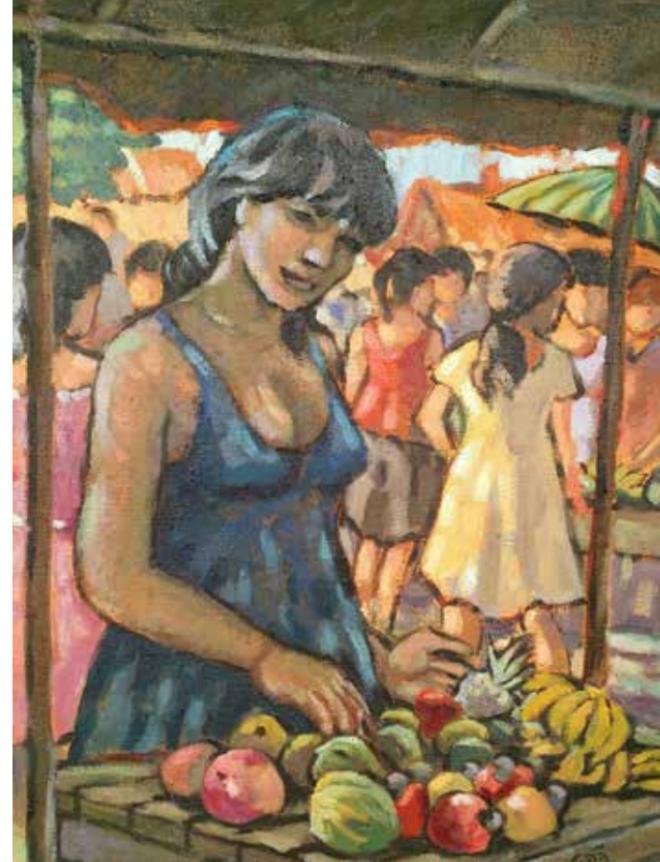
peito da crise econômica que afeta quase todos os campos, mesmo em tempos de vacas gordas há uma carência de mercado dentro e fora do Estado, o que já é uma situação recorrente à grande maioria que se dedica ao fazer artístico.

Pessimismos à parte, Caá tem muita apreciação e relativa valorização dentre os que consomem e colecionam arte no Estado. É reflexo da qualidade artística e técnica da pintura feita em Sergipe, desde os primórdios. O que a diferencia de outras artes como a música e o cinema, que vêm tendo aprimoramento tecnológico pós-anos 80/90.

Mas não é intenção deste texto tentar explicar as razões do infortúnio de reconhecimento nacional para um trabalho tão potencialmente predestinado a isso, atinar sobre essa problemática ficará para outras elocubrações.

Em Caá, delineando a candura dos temas, o desenho é mero esboço que se denuncia sob as massas de cor que elaboram a forma, a composição. É a cor que modela e desenha sem detalhismos, pincelada a pincelada compõe seres, personagens e coisas de seu universo. De maneira pastosa finaliza (e nisso, também revela sua beleza, sua digital), segue o rascunho primevo para se impor em cores tão fortes, tropicais, pessoais e encantadoras. Por consequência sua arte é deleite puro, simples, singela, genuína e revela a alma desse artista.

Ao vermos suas telas, a questão do reconhecimento nacional sempre vem à to-



na porque trata-se de uma pintura de muito apelo plástico e universal, dentro do campo de repertório como o de Aldemir Martins por exemplo ou mesmo Sílvio Pinto, Inimá de Paula, Cláudio Tozzi, Sorensen, Dnar Rocha e tantos figurativistas que ganharam grande ou razoável notoriedade no país.

A extinção dos grandes marchands, a carência do circuito comercial e de marketing que façam obras circularem, a escassez de parcerias de instituições públicas e empresas privadas, colaboram neste panorama. Imprescindível resolver esse estado de barreiras aliado à presença mais enfática em exposições e leilões, que se não vendem muito, mas expõem na vitrine, colocam o trabalho em evidência, imprimem o nome do artista em meio a um caldeirão tão multifacetado onde se inserem desde obras renomadas a falsificações; e inevitavelmente arte de má qualidade.

Por privilégio, Caá traz o gene inaciano – o melhor de Inácio: a fluidez telúrica, a pureza, o ápice intuitivo e exato da cor. Enquanto em Inácio o verde e azul eram predominantes, principalmente o



verde e seus matizes. Em Caá o laranja, o ocre e tons solares ganham peso e assinatura. Mas sua paleta é diversa por ser um colorista por excelência.

Suas telas são vibrantes e o efeito das cores cria cenários e atmosferas de luz, languidez de tempo, movimento em bucólicas paisagens interioranas, com o quê universal de cantar sua aldeia. É com maestria que paisagens de povoados, deles a calma e a placidez por essência, com idiosincrasias de uma vida rural tão próprias das escolas figurativistas vão compondo um acervo valioso ao passar do tempo.

Em sua arte, a latente lição de mestres paisagistas esmerados da linhagem de Van Gogh. Sentir a pincelada quase matérica, cheia de porosidade e autoria, a textura ganha força pela base preparada geralmente em estopa (ou similares), o que dá um expressivo ganho de personalidade. Não que outros artistas já não tenham experimen-

do como o próprio Inácio e outros no Brasil, mas em Caá ganhou singularidade, continuidade e propriedade. É flagrante: um quadro deste artista retrata o objeto referencial ao mesmo tempo em que imprime “ser” pintura, por excelência.

Esse sergipano já era para ser um nome marcado e disputado dentro do mercado das artes do Brasil, pela falta de ações já citadas, talvez também acrescentada à própria postura arredia do pintor. Há uma espécie de “sina Serigy Van Gogh” que marca alguns artistas, como foi Wellington, hoje conquistando cifras inimagináveis em suas telas em vida tão depreciadas.

Caá está no elenco dos bons figurativos como Joel, Joubert, José Fernandes, Adauto Machado, Hortência Barreto, Anselmo Rodrigues, Jenner, Eurico Luiz, Wellington, entre tantos outros. O que reafirma que o paisagismo e a figuração nunca morrerão. Não por ser um “gênero” mui-

to apreciado pela ligação histórica com a apreensão do real, pelo naturalismo e realismo e posteriormente pela revolução impressionista e expressionista. Mas porque é sempre renovado por artistas que conseguem imprimir (mesmo numa prática repetitiva) uma grife muito pessoal, um frescor criativo e singular ao retratar uma realidade tão simples, tão bucólica e árcade.

Não é fácil ser figurativo ou paisagista e manter-se interessante por tanto tempo. Desta forma, Caá às vezes amplia sua temática como foi retratar o circo e seu universo cheio de encanto e magia, sob o olhar da infância cheio de ludicidade para seres tão singulares. Seus Carros-de-boi, riachos, fei-





“Suas composições têm aparente despojamento, longe da economia de tons ou formas, mas estudadas em contornos rudes e singelos, com superposições de cor, pinceladas impregnadas de capricho e leveza ainda quando generosas”



rantes, moças sensuais banhando-se nuas e seminuas, vôos de pássaro, índios são temas eternos. Mas a maestria de Caã traz sua digital em qualquer tema que se dedique. Os personagens de circo estão mais envoltos em tons frios, penumbra com focos de luz mais direcionados, para retratar a magia noturna e espectral destes seres mambembes.

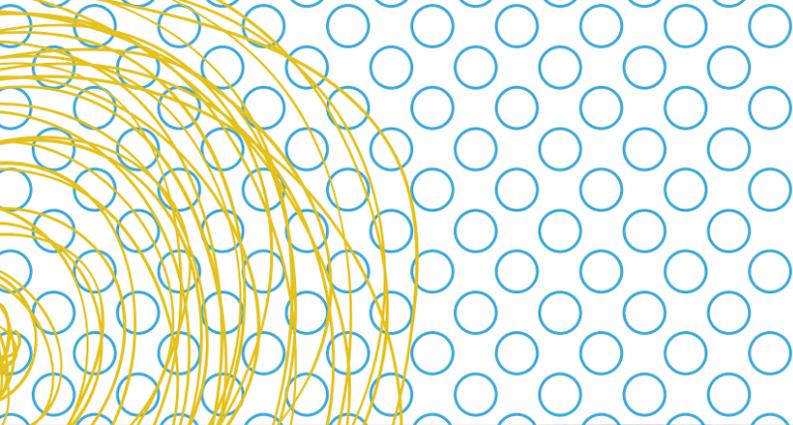
Bom lembrar que a pintura contemporânea teve seu renascimento nos anos 80 do século passado, após a famigerada “morte da pintura”, retomou com a diversidade própria da contemporaneidade, da nova abstração ao figurativismo. Momentos de retração conferem posteriores expansões e possibilidades na seara artística. Mas personas como Caã nunca deixarão de serem visceralmente pintores e figurativos, cristalizados com um quê de atemporalidade. Sem ser cerebral ou conceitual, mas essencialmente telúrico e sensorial, emocional e contemplativo.

É possível perceber Sergipe em seus povoados, seres locais e universais como

também as fases solares e o calor escaldante ou sereno que inebriam sua poética. Arbustos nossos e do mundo, guris, curumins, mulheres ribeirinhas, agrestes e sertanejas, mas também que poderiam figurar como personagens de Gaughin: tal é a força universalizante e humana de seu trabalho.

Por fim, suas composições têm aparente despojamento, longe da economia de tons ou formas, mas estudadas em contornos rudes e singelos, com superposições de cor, pinceladas impregnadas de capricho e leveza ainda quando generosas. Em seus motivos e figuras de eleição, é o tema que sugere a cor e o cenário, mas não o *modus operandi*, a feição plástica que o identifica.

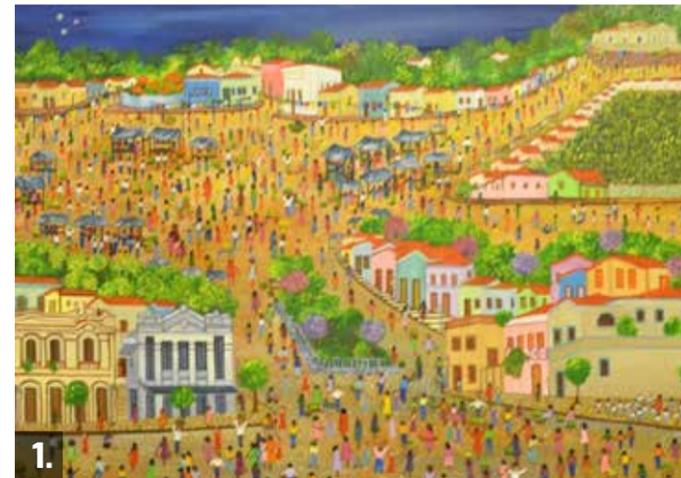
É este “modo” de ser pintor que cria sua singularidade: tom sobre tom, textura, bidimensionalidade, acréscimos que impregnaram a tela de riqueza tonal e luminosidade – ora mais impressionista ora mais pré-expressionista, mas fugindo de rótulos: sempre apaixonadamente Caãista. **C**



ANA DENISE LINHAS QUE SE CRUZAM

Enzo Ferrara

A proposta de escrever sobre o trabalho da artista naïf Ana Denise é muito interessante, principalmente pelo fato de que a própria arte Naïf está passando por uma crise conceitual através da exibição da 13ª Bienal Naïfs do Brasil, promovida pelo SESC na cidade de Piracicaba – SP, inclusive ela participa e ganha o Prêmio Incentivo com a obra “Tonho dos Queijos”. A crise se dá pelo fato de ter misturado outros estilos, como a arte contemporânea numa bienal que leva o nome Naïf em seu título.



Um artista naïf, ao falar de outro artista, também naïf, compartilha a mesma luta e experiências ao apresentar suas obras ao público, conquistar espaço no seleto mercado de arte e sempre dialogar a respeito da valorização, preservação e divulgação dessa arte, que leva o nome Naïf/Naïve (ingênuo/a), de origem francesa, mas que em solo nacional encontrou terreno fértil para retratar a cultura brasileira. A arte naïf é feita por artistas autodidata, e que criam novas técnicas e materiais para resolver com criatividade as problemáticas que surgem ao produzir uma obra de arte.

Conheci a artista Ana Denise em 2012, ocasião em que ambos participávamos da 11ª Bienal Naïfs do Brasil, e logo se apresentou como uma artista orgulhosamente de Aracaju. Ana Denise é uma artista de personalidade forte e valores sólidos, como, aliás, é a personalidade de todo povo do nordeste brasileiro; ela é uma intelectual, sempre que viaja visita os maiores e mais importantes museus de

arte do mundo, que enriquece seus trabalhos e sua busca por experimentar novas técnicas e materiais.

Ana Denise é natural de Aracaju – SE, começou a produzir suas obras com treze anos e não parou mais. Suas obras são cheias de personalidade e criatividade, nessa grande e variada produção podemos destacar as obras que retratam cenas do cotidiano do Mercado de Aracaju, onde a riqueza de detalhes enchem os olhos do público, sempre valorizando a cultura popular do estado de Sergipe. São cenas onde podemos ver os típicos trabalhadores da feira tingidos pelas cores da cultura local, ora vendendo redes e brinquedos de madeira, ora vendendo a tradicional cerâmica em grande variedade de formatos e cores, também valorizando a cerâmica figurativa, que é tradicional no nordeste brasileiro.

Os festejos também são temas das obras de Ana Denise, as Festa Juninas decoradas com coloridas bandeirinhas





3.



4.



5.



6.



8.



7.

1. Fim de feira em Aracaju
2. Todo mundo "só" tem duas vovós
3. Amolador de facas e tesouras
4. Reunião de família nordestina
5. A morte do manguê
6. Fazedor de arraias (Pipas)
7. Loja de chapéus
8. Lambe-lambe

e banda de forró com três músicos, os bailes dos antigos Cabarés de Aracaju, o espetacular "Cabaré Gay" sucesso em muitas exposições em São Paulo, e até no meio da feira se desenrola uma cena de festa popular.

A artista Ana Denise tem o olhar atento para os trabalhadores e lutas sociais, ela retrata em sua obra desde o vendedor de queijos em sua barraca, passando pelo gari, e retrata também temas de maior questionamento e crítica social, como os moradores de rua, na obra "Sem Rumo" e na obra "Bolsa Família", convidando o público a refletir sobre a participação do indivíduo na sociedade e o papel da sociedade sobre o indivíduo.

Não são raros os quadros que retratam cenas familiares, mostrando o valor que a artista dá para o núcleo familiar, mostrando um lado de Ana Denise como mãe, um ser muito importante dentro da família. São produções onde a família se reúne no quintal dos fundos, nos cafés da manhã,

na casa da vó, na cozinha preparando pratos para todos, revelando uma produção intimista e repleta de significados.

A cidade de Aracaju é retratada em suas obras ao pintar prédios antigos, as feiras, os produtos típicos, as pontes, as praças, os festejos populares e religiosos, é claro, o mais importante, as pessoas de Aracaju. Algumas obras retratam uma Aracaju de outros tempos, com o Amolador de "Facas e Tesouras", o "Vendedor de Chapéus" e o fotógrafo "Lambe Lambe" na praça. O público sempre se surpreende com a qualidade das obras, que, em geral, parecem maiores do que são na realidade, resultado de um trabalho artesanal de contorno finíssimo dos personagens, e que ganham mais vida com as fortes cores da artista.

Ana Denise tem obras no Museu de Arte Popular de Diadema, na Grande São Paulo; no Museu Internacional de Arte Naïf (Mian) do Brasil, no Rio de Janeiro (RJ), e no Acervo Sem Parede.

Ela participou ao longo de sua carreira de importantes exposições e eventos, com destaque para a exposição individual "Conexão Aracaju na Arte naïf de Ana Denise" realizada em Mogi das Cruzes durante o mês de abril de 2016, e as coletivas Bienais Naïfs do Brasil, realizada em 2012 e em 2016.

O talento de Ana Denise é reconhecido internacionalmente com a participação de uma obra da artista produzida para a exposição coletiva com artistas mulheres de várias partes do mundo. Todas as obras foram produzidas com a proposta de realizar uma obra inspirada na música "Imagine" de John Lennon, onde as artistas foram convidadas a retratar um mundo sem conflitos gerados pelas diferenças. A exposição está acontecendo no famoso Museu Internacional de Arte Naïf de Magog no Canadá.

O trabalho duro e a dedicação de Ana Denise está abrindo as portas do Sucesso da carreira dessa grande artista ser-

gipana, em outubro ela participa do tradicional Leilão da Galeria Tableau em São Paulo, uma galeria seleta, por onde passam obras de artistas como Djanira, Volpe, Tarsila do Amaral, Caribé e Di Cavalcanti.

Aos poucos ela está introduzindo na sua produção novos elementos como as figuras humanas feitas com linhas e cores que dão volume, elementos supermodernos. Ana é uma artista naïf contemporânea, que utiliza a fotografia como ferramenta de trabalho, sempre sai à caça de novos temas pelas ruas, praças e feiras.

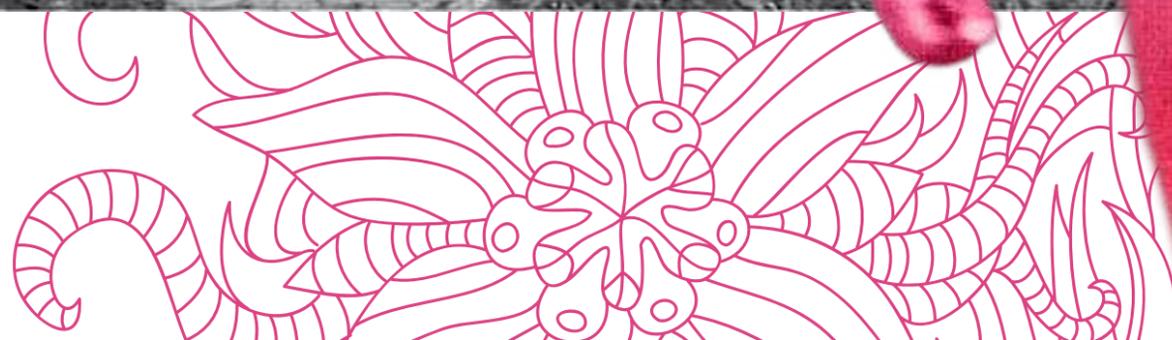
A grande e talentosa artista Ana Denise está num momento de muita inspiração e criatividade, o público só começou a ver parte de sua produção. Ana Denise tem ainda muito para produzir e apresentar ao público, com uma carreira sólida, construída com uma longa jornada, que tem vários obstáculos pelo caminho, ela está valorizando a cultura popular e o folclore da região de Aracaju, um orgulho do estado do Sergipe. **C**



Bosco & Scaffè

Um vanguardista
sergipano

Tetê Nahas



O termo vanguarda surgiu com força no século XIX. Ele significa “a dianteira de um exército”, ou seja, “a parte do exército que marcha à frente do grosso das tropas, na primeira linha”. É usado para caracterizar atitudes “a frente”, inovadoras, ousadas, corajosas e modernas seja qual for a época. Hoje, vivemos a vanguarda do ontem. Com a velocidade que as coisas mudam, a influência da tecnologia fez com que o termo não fosse usado com tanta frequência e perdesse o mesmo impacto de antes. Mas, quem resiste a um arroubo, uma situação de surpresa, que te causa sensações inesperadas? Nem que seja para criticar ou condenar. Não há quem passe despercebido. Bosco Scaffs, sergipano de Aracaju, foi o nosso grande artista “de vanguarda”. Ator, bailarino, dramaturgo. Coreógrafo, cantor, astrólogo, compositor, artista plástico e um ser humano singular e generoso que por 40 anos, viveu e fez história, ainda que, pouco conhecida da maioria, mas muito, muito respeitada por quem a sabe.

João Bosco de Mendonça nasceu em Aracaju em 25 de março de 1950. Dia da anunciação do anjo Gabriel a Maria para os católicos. Dois dias antes da data em que se comemora do Dia do Teatro e do Circo. Segundo sua irmã, Maria Helena Mendonça e a sobrinha Juliana Mendonça ele foi o oitavo em uma família de 10 filhos. O pai era o açougueiro, Pedro

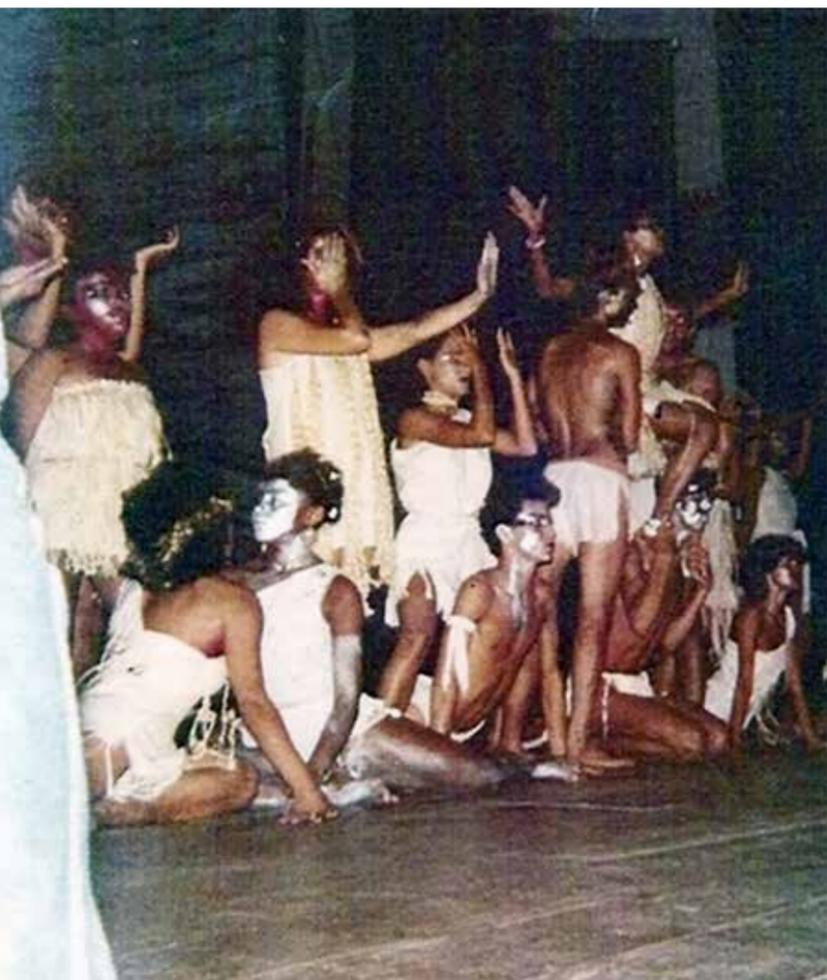
Francisco de Mendonça, e a mãe, a dona de casa Helenita Ribeiro de Mendonça. A irmã conta que desde pequeno o “Bosquinho”, como era chamado pela família, demonstrou tendências artísticas. Era um menino “diferente” dos demais do Bairro São José, onde cresceu. Tinha outros interesses que não as bolas de futebol e de gude comuns aos meninos da época. Tanto que ao terminar o ensino médio, partiu para a Bahia, aportando escola de Belas Artes. Bosco foi um artista que viajou muito, observou bastante, assimilou tudo o que podia. Morou no Rio de Janeiro e estudou na Escola Técnica Estadual de Teatro Martins Pena. Na ocasião, teve aulas com o ator Carlos Vereza, dentre outros, e foi colega de alguns conhecidos atores como por exemplo, Kadu Moliterno. Conheceu e conviveu com atores do grupo do teatro de vanguarda ‘Asdrubal trouxe o trombone’ que naquele tempo, iniciava a carreira com a peça ‘Trate-me Leão’ no Teatro Rival.

Em 1979, ele passa a integrar a equipe do Colégio Atheneu, como professor de artes. Muito mais que artista e diretor, Bosco era naturalmente professor. Ele ensinava a cada um que convivia. Eram conselhos, eram experiências partilhadas. Cada palavra que ele dizia, ensinamento. Ele buscava contagiar os que estavam a sua volta, com o seu modo de ver e encarar a vida, querendo que aquele

que estivesse ao seu lado, experimentasse das mesmas boas sensações. Era uma pessoa que respeitava as diferenças, que era respeitado, discreto, e ao mesmo tempo, acolhedor. Ele confiava no aluno e extraia o melhor de cada um. Nunca dizia não. Bosco conduzia cada um pelo seu próprio caminho até que a pessoa descobrisse qual o seu talento e o explorasse ao máximo. Exigente, gostava de múltiplos artistas como ele, pedia que estudassem tudo: canto, dança, interpretação. Ele mesmo ensinava, sem que as pessoas percebessem que estavam aprendendo. Tudo naturalmente. Até o modo de ensinar dele, era original. E assim, Bosco Scaffs ganhou uma legião de alunos, seguidores, e formou, o seu, por assim dizer, exército artístico, que atendia todos os seus comandos mais inesperados.

Quando Bosco Scaffs voltou a Sergipe, havia aqui uma efervescência cultural no campo do Teatro. A Sociedade de Cultura Artística de Sergipe e também a Universidade Federal de Sergipe, promoviam cursos para aqueles que queriam ser artistas. Mas, “esse teatro” era feito, naquela época, por pessoas da elite, profissionais liberais, funcionários públicos, que tinham condições financeiras favoráveis para isso. As peças aqui montadas eram textos clássicos da dramaturgia brasileira, como “Eles não usam Black Tie”, entre outros. Havia alguns grupos teatrais surgindo como o Grupo Expressionista da





UFS, Grupo Experimental da U-F-S, O grupo Opinião de Teatro, de Vieira Neto e as irmãs Sandes, Valmir e Valquíria, que na época chamava a atenção pelos textos mais reflexivos. Houve também espetáculos ousados como Vão Mitos Coloridos e uma montagem do clássico Hair. O grupo raízes do inquieto Jorge Lins que surgia na época e também o Mamulengo do Cheiroso, de Augusto Barreto traziam propostas para o público infantil e resistem até hoje... Nomes como Ilma Fontes, Joubert Morai, Aglaé Fontes, nossa primeira dama do teatro nos anos 60 e 70, Hunald Fontes de Alencar, João Costa, Bosco Seabra, Otto Cornélio, Lania Duarte, Tadeu Machado, Mendes Filho, Nestor Brás e Denys Leão na parte técnica, entre outros. Por fora desse movimento, Severo D'Acelino fazia teatro nas e para as periferias com o Grifacaca, tendo ele, inclusive, assinado um contrato

com o programa de Alfabetização Mobral, nas escolas. Esse teatro sergipano era aqui praticado, nos moldes clássicos, para poucos, porém com muita qualidade e talento dos envolvidos. O Grupo Imbuça surgia nessa época também e rompeu com essa tradição. Foi um fazer teatral inovador. Nas ruas, nas feiras e praças. Temas populares extraídos da literatura de cordel e também do dia a dia daqueles jovens estudantes universitários, que fizeram do teatro um modo de expressar. O teatro de Rua trazido e perpetuado pelo Imbuça, ia mudar, para sempre, o fazer teatral de Sergipe.

Nesse contexto, Bosco Scaffs, com toda sua bagagem e ousadia, chamou a atenção da sociedade, por não se adequar a nenhuma das duas tendências. Nem a popular do Imbuça e os demais grupos que surgiram e seguiram, muito menos a clássica. Bosco trouxe para Aracaju um teatro ousado, com temas polêmicos para a época e para a sociedade sergipana, com

uma capital pacata, com ares interioranas e pessoas que desconheciam e não se atreviam a entender e discutir certas coisas. Era o grupo "Check UP", vinculado ao SESC. Foi Bosco, que, em plena ditadura militar, trouxe o nu para o palco.

"Em 1979, ele passa a integrar a equipe do Colégio Atheneu, como professor de artes. Muito mais que artista e diretor, Bosco era naturalmente professor. Ele ensinava a cada um que convivia. Eram conselhos, eram experiências partilhadas".

Não o nu gratuito e apelativo, mas dentro de um contexto. Suas peças 'INRI – O ato da iluminação', 'Original até certo ponto' e 'Assinax', geralmente eram uma colagem de quadros que ele alinhavava e conseguia dar uma unidade sem que fosse

necessária a preocupação em estabelecer os princípios de começo, meio e fim. Em "Inri, o Ato da Iluminação", Bosco Scaffs contava a vida de Jesus Cristo à própria maneira. Jesus Cristo aparecia em uma mesa de bar, jogava sinuca e dançava com Maria Madalena. A Maria Madalena, então, se transformava em uma Pombagira. Depois disso, Bosco Scaffs colocava os atores interpretando todos os Orixás em meio a Jesus. E no momento da crucifi-



“Foi um fazer teatral inovador. Nas ruas, nas feiras e praças. Temas populares extraídos da literatura de cordel e também do dia a dia daqueles jovens estudantes universitários, que fizeram do teatro um modo se se expressar”.





cação, Jesus Cristo desiste da cruz e fica em dúvida se vai para a câmara de gás ou para a forca. E finalmente Jesus Cristo se envolve em diversos novelas e morre. Já 'Assinax' é uma missa, em várias línguas de várias regiões e países. Para ter acesso a esse espetáculo, as pessoas eram obrigadas a passar por debaixo de uma escada e muitos desistiam de assistir por causa disso. Depois de passar no hall do Teatro Atheneu, elas eram obrigadas a passar por cima de uma pessoa que estava deitada. A peça começava, na verdade, no momento em que as pessoas atravessavam o foyer, com vários templos, católicos, budistas e espiritualistas montados e a peça já começava. Tinha também um enfermeiro tratando o público como se ali fosse um grande hospício.

Depois desse período, em 1984, Bosco retornou ao Rio de Janeiro, onde passou três anos. Voltou para Sergipe em

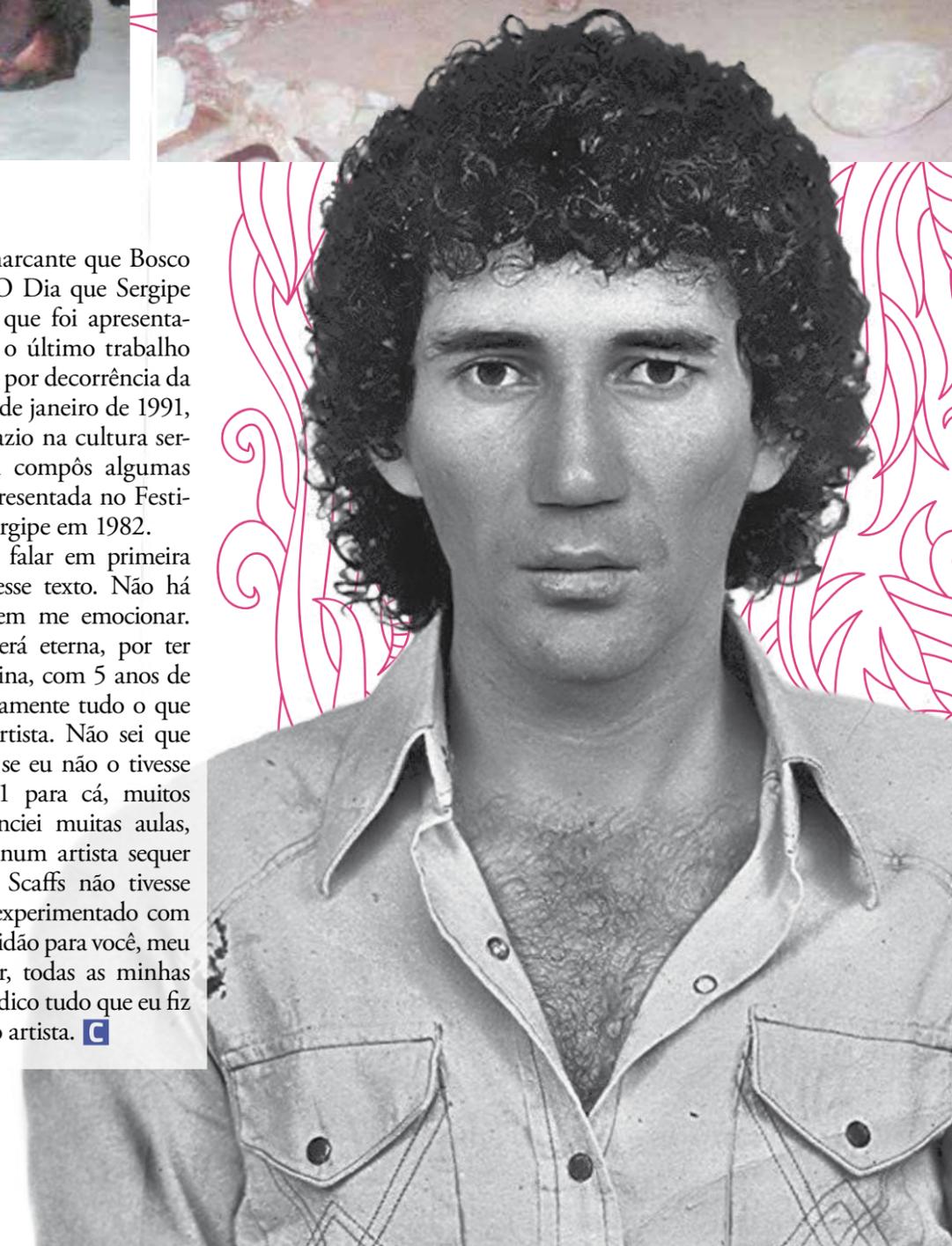
1987 e fundou o Teatro Popular de Aracaju, vinculado a Funcaju. Nessa época, o Teatro de Rua era o mais comum e festejado de Sergipe, graças ao sucesso incontestável do Grupo Imbuça. Grupos como Imagem, Mambembe (que também apresentou espetáculos fora do país), Caçua entre outros trabalhavam a arte na Rua. Nessa época a cena cultural sergipana "fervia". Música, Dança, Teatro, Festival de Arte de São Cristóvão, Encontro Cultural de Laranjeiras e Encontro Cultural de Propriá. Grupos de todas as lin-

guagens artísticas, casa cheia e até premiações. Nesse tempo, os artistas começaram a ocupar as Secretarias de Estado e Municipal de cultura como técnicos e o T-P-A surge, então, para dar oportunidade esses artistas que trabalhavam no órgão, e que normalmente, (na maioria das vezes), deixavam a vida artística de lado por falta de tempo. Foi uma forma de não perderem seu vínculo com a arte.

"Foi Bosco, que, em plena ditadura militar, trouxe o nu para o palco. Não o nu gratuito e apelativo, mas dentro de um contexto".

Um espetáculo marcante que Bosco fez, nessa época, foi "O Dia que Sergipe quis ser independente" que foi apresentado inúmeras vezes. Foi o último trabalho desse grande artista que, por decorrência da AIDS, faleceu em Dois de janeiro de 1991, deixando um imenso vazio na cultura sergipana. Bosco também compôs algumas músicas e uma delas apresentada no Festival de Música da TV Sergipe em 1982.

Peço licença para falar em primeira pessoa, na conclusão desse texto. Não há como falar de Bosco sem me emocionar. Minha gratidão a ele será eterna, por ter me acolhido, ainda menina, com 5 anos de idade, me ensinado exatamente tudo o que sei enquanto pessoa e artista. Não sei que rumo minha vida teria, se eu não o tivesse conhecido. Fiz, de 1991 para cá, muitos cursos e oficinas, presenciei muitas aulas, mas até hoje, nunca vi num artista sequer destes, algo que Bosco Scaffs não tivesse mencionado, citado ou experimentado com a gente. Toda minha gratidão para você, meu mestre. Todo meu amor, todas as minhas alegrias e lágrimas. Te dedico tudo que eu fiz e venha a construir como artista. 





NORMA BENGELL: O OCASO DE UMA MUSA

ANTONIO NAHUD

O cinema francês não se esquece de suas estrelas. Geralmente elas trabalham até idade avançada, envelhecendo com charme nas telas. De cabeça, lembro-me de Catherine Deneuve, Jean-Louis Trintignant, Anouk Aimée, Danielle Darrieux, Michel Piccoli, Jeanne Moreau, Emanuelle Riva, Micheline Presle, entre outras. O mesmo não acontece habitualmente nos Estados Unidos da América, mas os filhos de Tio Sam reverenciam suas antigas glórias através de publicações, documentários, vídeos, retrospectivas, tributos.

O Brasil, um país sem memória, literalmente apaga o passado. Os novos cineastas raramente convidam para os seus filmes intérpretes que brilharam noutros tempos. Hoje, poucos brasileiros sabem da importância no cenário cinematográfico nacional de intérpretes como Odete Lara, Joffre Soares, Adriana Prieto, Isabel Ribeiro, Paulo César Pereio, Lillian Lemmertz, Paulo José, Irene Stefânia, Hugo Carvana, Tereza Raquel, Glauce Rocha, Jardel Filho, Anecy Rocha, Geraldo D'el Rey, Ítala Nandi, Darlene Glória, Othon Bastos, Ana Maria Magalhães etc.

Uma das nossas maravilhas, - NORMA BENGELL (1935 – 2013) conseguiu a proeza de num país majoritariamente «televisivo» ser uma das poucas atrizes que se dedicou principalmente ao cinema e mesmo assim manteve seu sucesso e popularidade. Temperamental, de difícil trato, feminista engajada, artista com convicções políticas, transgressora, mulher à frente do seu tempo, cantora e diretora, de dinâmica carreira, rodou mais de cinquenta filmes. Na longa trajetória, histórias de abortos, estupros, inúmeros casos de amor, brigas, separações, a paixão por uma mulher com quem ela viveu durante anos, o tumultuado relacionamento com Alain Delon, na época considerado o homem mais bonito do mundo. Inquieta, despachada, ousada, libertária, como ela mesmo se definia, fez novelas de televisão, foi amiga do presidente João Goulart e de Glauber Rocha, com quem trabalhou em “A Idade da Terra” (1980). Casos de amor e brigas se alternam na vida da sedutora que se engajou na luta pelos direitos dos atores, e foi uma voz contra preconceitos e a ditadura militar, passando anos de exílio na Europa.

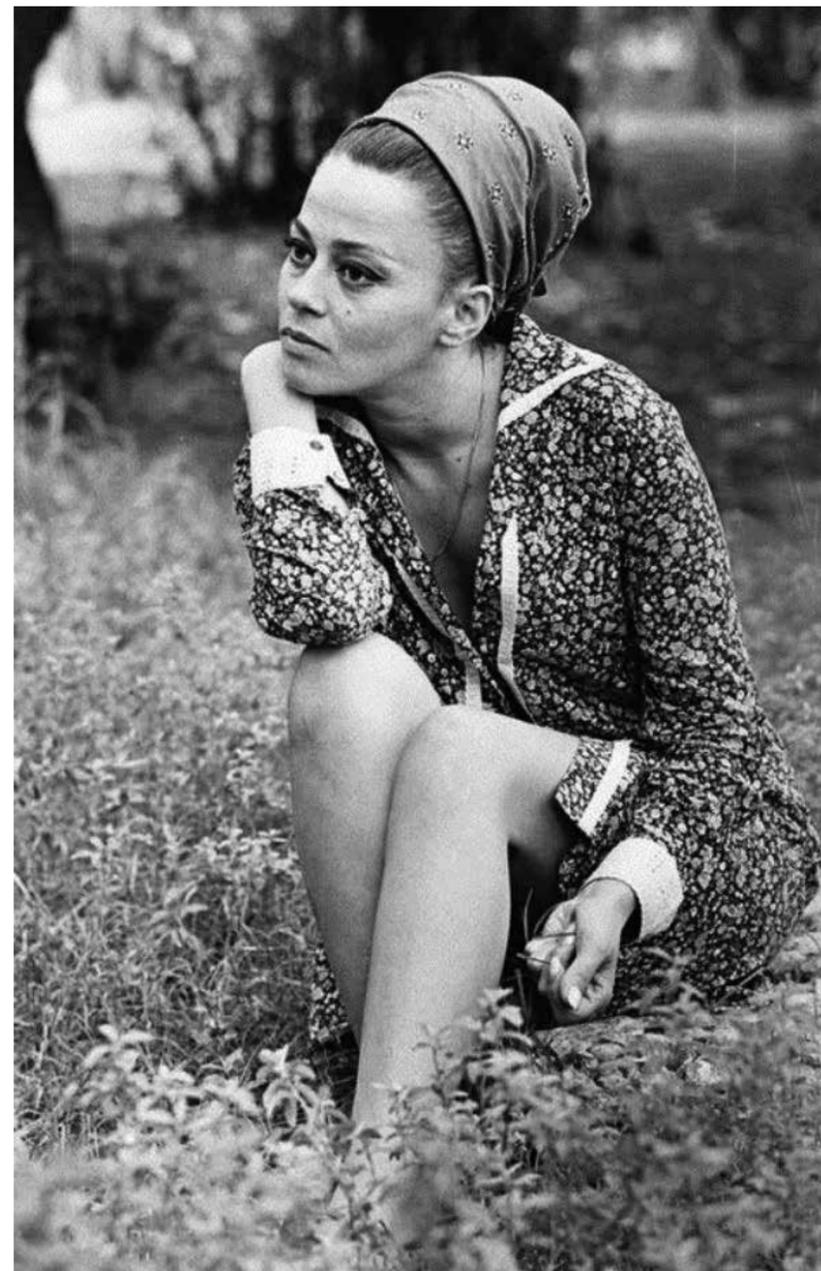
Fascinava pela sensualidade e personalidade forte. Galás como Alain Delon, Renato Salvatori e Gabriele Tinti, renderam-se ao charme dessa carioca *sex symbol*. Premiada muitas vezes, capa de revistas concorridas, polêmica, musa do Cinema Novo, comparada à francesa Jeanne Moreau, NORMA BENGELL nos



orgulha, remetendo às boas recordações de um tempo perdido. Nos seus últimos anos de vida, parálitica e sem dinheiro, devendo uma fortuna ao Leão, possuía apenas uma casa, a cada dia mais vazia, porque vendia os móveis e parte do acervo particular para sobreviver. Doente e endividada, a atriz que viveu a glória do cinema nacional, recorreu à ajuda de amigos. Ao escorregar num tapete, sofreu um tombo e precisou operar a coluna e o cotovelo. Daí

em diante, só deixou sua residência para ir ao hospital. Entregue a uma cadeira de rodas, doente e à beira da falência, não era nem sombra da atriz sensual e de olhar enigmático cortejada nos anos 1960 e 1970.

O pai era um belga que trabalhava como afinador de piano. A mãe, de família rica, deserdada após o casamento pelo pai integralista que não a queria casada com um imigrante. A infância difícil, em Copacabana. NORMA



BENGELL nasceu predestinada a se tornar estrela de cinema. Por volta de 1936, o ator e diretor Raul Roulien, de passagem pelo Rio, ao vê-la passeando no carrinho de bebê, pediu permissão à mãe para filmá-la. Em 1945, seus pais se separaram e ela foi morar com os avós paternos. Levada a

um internato de freiras alemãs, não permaneceu por muito tempo, sendo expulsa por indisciplina. Trabalhou algum tempo no comércio. No começo dos anos 1950, manequim da Casa Canadá, seu corpo escultural logo chamou a atenção, passando a atuar no teatro de revista em 1954,



como vedete no espetáculo “Fantasia e Fantasias”, apresentado no Copacabana Palace. Trabalhou muitos anos com Carlos Machado nas boates “Casablanca” e “Night and Day”, com temporadas em Montevideu e Buenos Aires.

Estreou no cinema em 1959, na chanchada “O Homem de



Sputnik”, produção da Atlântica estrelada por Oscarito e Jô Soares. Um mega sucesso, com público estimado em 8 milhões e meio de pagantes. Ela fazia uma sátira à *sex-symbol* francesa Brigitte Bardot - seu personagem chamava-se justamente B.B. Então, a carreira de Norma Bengell no cinema intensificou-se, rodando muitos outros filmes, além de se destacar no teatro dramático na peça “Procura-se uma Rosa”, de Pedro Bloch. Ao atuar no drama urbano “Os Cafajestes”, de produção tumultuada, consagrou-se definitivamente, recebendo o Prêmio Saca de Melhor Atriz. Nessa fita clássica, protagonizou a primeira cena de nu frontal da história do cinema brasileiro, que a tornou alvo de perseguição dos setores conservadores, sofrendo ataques da Igreja e da organiza-

ção “Família, Tradição e Propriedade” (TFP). Em 1962, ao participar de um show de bossa-nova na PUC (RJ), foi impedida pelos padres de cantar, porque se declarou a favor da pílula anticoncepcional. No mesmo ano, chamada por Anselmo Duarte para “O Pagador de Promessas”, brilhou no papel da prostituta Marli. Em seu livro “Adeus, Cinema”, o cineasta afirma ter transado com a atriz para ela “não ir embora” das filmagens. Baixaria à parte, o longa ganhou a Palma de Ouro no Festival de Cannes e ainda indicação ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro, dando a Norma Bengell a oportunidade do estralato internacional.

Em Cannes, conheceu o produtor Dino di Laurentiis, que a contratou, seguindo para a Itália, onde trabalhou com bons

diretores, ficou amiga de Federico Fellini e Luchino Visconti, entre outros intelectuais europeus, teve um *affair* com o astro francês Alain Delon. No cinema italiano, a atriz é mais lembrada pelos sucessos “O Planeta dos Vampiros / Terrore Nello Spazio” (1965), ficção científica do diretor Mario Bava, e “Os Cruéis / I Crudeli” (1967) um spaghetti western de Sergio Corbucci. Ela contracenou com Alberto Sordi, Jean-Louis Trintignant, Renato Salvatori, Catherine Deneuve, Jean Sorel, Enrico Maria Salerno, Nino Manfredi e outros. “Quando o meu marido, o Gabriele Tinti, viajava, eu saía muito com o Pasolini. Ia dançar com ele naqueles botecos de Roma. O prédio em que eu morava era uma loucura. A gente não podia abrir as janelas porque sempre tinha

paparazzi nos telhados. Lá moravam a Brigitte Bardot, o Rod Steiger, a Cyd Charisse. Era na Via Vecchiarelli 38, um prédio dos anos 600 que a princesa alugava”, recordou a atriz.

Em 1964, aos 30 anos de idade e no auge da beleza, voltou ao Brasil para filmar a obra-prima do diretor Walter Hugo Khouri, “Noite Vazia”, um dos melhores filmes da carreira dela. Nos estúdios da Companhia Cinematográfica Vera Cruz ela se casou com o italiano Gabriele Tinti (belíssimo e de filmografia inexpressiva, morreu em 1991, aos 59 anos), seu parceiro no filme, e a união durou até 1969. “Na minha carreira, trabalhei em lugares fantásticos e conheci pessoas fantásticas, mas minha vida privada era confusa. Passei por muitos amores e decepções”, confessou a atriz numa entrevista.

Teve uma experiência em Hollywood, estrelando o episódio “To Kill a Priest” (1966), com direção de Boris Sagal, da primeira temporada da famosa série “T.H.E. Cats” (Paramount / NBC), gravando para a trilha as

“No começo dos anos 1950, manequim da Casa Canadá, seu corpo escultural logo chamou a atenção, passando a atuar no teatro de revista em 1954, como vedete no espetáculo “Fantasia e Fantasias”, apresentado no Copacabana Palace”.

canções “Água de Beber” e “Garota de Ipanema”, ambas de Tom Jobim e Vinícius de Moraes. Levando cantadas e perseguida nas

ruas, ela, certa vez, precisou se esconder em um hotel. Ao longo da carreira atuou pouco no teatro, brilhando em 1968 com a peça “Cordélia Brasil”, de Antônio Bivar, dirigida por Emilio di Biasi, um dos seus maiores sucessos, mas acabou por ser levada por três homens do DOI-CODI, sendo interrogada por cinco horas sobre “a subversão na classe teatral”. Com o passar dos anos, optou cada vez mais por personagens altamente dramáticas, o que a elevou a um patamar distinto entre as atrizes da época, como se vê no seu trabalho desenvolvido durante os anos 1970.

Em 1971, ela fez uma de suas melhores participações no cinema, no premiado “A Casa Assassina”, de Paulo Cesar Saraceni. Por sua brilhante interpretação recebeu o Troféu de Melhor Atriz da APCA (Associação Paulista





dos Críticos de Arte), prêmio que ainda receberia outras duas vezes por “Mar de Rosas” (1978) e “Eros, o Deus do Amor” (1981). Na época, decidiu se auto-exilar em Paris, onde continuou atuando no cinema e também na televisão e no teatro, trabalhando com o diretor Patrice Chéreau - um dos grandes intelectuais do teatro na França - em duas ocasiões: na peça “La Dispute”, de Marivaux, em 1973, e “Les Paraventes”, de Jean Genet, em 1983, que marcou sua despedida dos palcos franceses.

De volta, continuou filmando. Ganhou o prêmio especial do júri do Festival de Veneza por sua atuação em “A Idade da Terra” (1980). Mais uma vez no terreno do escândalo, em 1984, NORMA BENGELL afirmou ter feito 16 abortos. No mesmo ano, rodou com Mick Jagger o video-

clipe da música “She’s the Boss”. No início dos anos 1990, o cinema brasileiro ficou bastante prejudicado e quase paralisado com a extinção da Embrafilme pelo governo Fernando Collor de Mello, e durante essa época ela se engajou politicamente na luta pela retomada do nosso cinema,

“Na minha carreira, trabalhei em lugares fantásticos e conheci pessoas fantásticas, mas minha vida privada era confusa. Passei por muitos amores e decepções”.

fazendo várias viagens à Brasília, onde aconteceu o famoso beijo no então presidente Itamar Franco que deu o que falar. Em 2010, seu nome veio a tona durante a

campanha da pré-candidata do PT à presidência da República, Dilma Rousseff, resultando em acusação da atriz de uso indevido de imagem por parte da candidata. Após a fase mágica, finda a mocidade, batalhou para não ser apenas um objeto do desejo, dirigindo e assinando o roteiro de “Eternamente Pagu” (1988), protagonizado por Carla Camuratti, e “O Guarani” (1996), baseado na obra de José de Alencar, entre outros. “O Guarani” foi um fracasso de público e crítica, que lhe rendeu um massacre pela imprensa. Ela brigou com uma das roteiristas do filme e com críticos que deram avaliações negativas.

Seu primeiro LP, o bossa-novista “Ooooooh! Norma”, lançado em 1959, tem canções de Tom Jobim e João Gilberto. Em 1960, gravou “Tristeza”, incluída na tri-

lha sonora da comédia “Copacabana Palace”, uma co-produção ítalo-franco-brasileira. Fez sucesso com “A Lua de Mel na Lua” e “E se tens Coração”, da trilha de “Mulheres e Milhões”. Realizou shows no Club 36 e no Beco das Garrafas, no Rio de Janeiro, ao lado da turma da bossa nova (Tom Jobim, João Gilberto, Vinícius de Moraes, Baden Powell e Roberto Menescal, entre outros), sendo uma das primeiras cantoras a gravar composições inéditas de Tom Jobim. Após anos gravando participações em trilhas sonoras e discos de outros artistas, lançou seu segundo LP em 1977, “Norma Canta Mulheres”. Apresentou, dirigida por Abelardo Figueiredo, um programa semanal de música popular brasileira na tevê Tupi, no qual recebia convidados especiais com os quais cantava em dueto. Participou, também, do programa “Carrossel” (TV Rio), apresentando-se semanalmente, e do programa “Noite de Gala” (TV Rio), ao lado de vários artistas. Mais tarde, contratada pela Globo, comandou o programa “Shell em Show Maior”, ao lado de Chico Buarque. Porém, o cantor só participou do primeiro programa, em função de sua timidez. Mais adiante ela fez parte do elenco das telenovelas “Os Adolescentes” e “Os Imigrantes”, na Rede Bandeirantes; da minissérie “Parabéns pra Você”, de Bráulio Pedroso; das telenovelas “Partido Alto”, de Aguinaldo Silva e Glória Perez, e “O Sexo dos Anjos”, de Ivani Ribeiro.



Poucos meses antes de morrer, sem filhos, a senhora que foi uma das deusas do Brasil, presente na música, no teatro, na tevê e, sobretudo, no cinema, passava semanas sem sair de casa, sem uma fonte de renda regular e sem poder saldar as dívidas acumuladas. Segundo a atriz, teria sido enganada por seu advogado e, por conta disso, estaria devendo cerca de R\$ 4 milhões à Receita Federal em imposto de renda. Às voltas com as contas cotidianas e mais as despesas médicas, não sa-

bia o que fazer. As pernas inchadas e o tempo agindo sobre seu corpo, somente nos raros sorrisos e no olhar - ainda enigmático - se notavam vestígios da NORMA BENGELL de décadas atrás. Por causa das pendências judiciais geradas com a produção de “O Guarani” seus bens e contas bancárias ficaram indisponíveis. Na época, ela usou leis de renúncia fiscal para levantar R\$ 2,99 milhões. O Ministério da Cultura e o Tribunal de Contas da União identificaram irregula-



ridades na prestação de contas e o caso parou na Justiça, gerando processos. “Chegaram a me acusar de não ter terminado o trabalho. Como podem dizer isso se o filme foi apresentado em horário nobre na Rede Globo para milhões de pessoas?”. Para piorar a situação, sua companheira de 25 anos (viviavam sob o mesmo teto), Sonia Nercessian, fotógra-

fa e produtora, morreu em 2007 após um demorado sofrimento decorrente de câncer.

Instalada numa enorme casa de quatro quartos, duas salas e uma bela piscina, em um dos bairros mais nobres do Rio, ela nem pensava em vender o imóvel, onde vivia há dez anos. “Nem pensar. Minhas lembranças estão todas aqui”, rechaçava.

Tinha toda razão. Sobre alguém que cogitou levá-la para o Retiro dos Artistas, ela se referiu como um “estúpido”. Além de passar um bom tempo à frente da telinha, Norma Bengell preenchia seu dia fazendo sessões de fisioterapia, ouvindo música clássica, vendo filmes em DVD e fumando um maço de cigarros. Gastava horas ao celular com amigos como Ney Latorraca e Miguel Falabella. Otimista, três anos antes de morrer voltou aos palcos com a peça “Dias Felizes”, de Samuel Beckett, direção de Emílio di Biasi, na história de Winnie, uma mulher oprimida pelo mundo e pelo marido que tenta sobreviver em meio às suas lembranças e sonhos. Seu último trabalho na televisão foi como Deise Coturno na série humorística da Tv Globo “Toma Lá, Dá Cá” (2008/2009).

Depois de gravar depoimento para a posteridade no Museu da Imagem e do Som, no Rio, dando testemunho franco sobre o que viveu, organizou seu acervo pessoal (filmes, fotos, revistas, cartas etc.), que foi doado para a Cinemateca Brasileira, e finalizou um livro de memórias que preparava há décadas, “Norma - Coisas Que Vivi”. Além disso, sonhava em dirigir “Tudo por Amor”, sobre sua trajetória, que tinha roteiro pronto. Ela pensava em Alinne Moraes para interpretá-la. Seus últimos filmes como atriz foram o longa “Vagas para Moças de Fino Trato” (1992), de Paulo Thiago, e o curta “Banquete” (2002), de

Marcelo Lafitte. Recebeu uma homenagem emocionante na 10ª edição do Grande Prêmio de Cinema Brasileiro, realizado no Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro, levando um troféu das mãos da atriz Marieta Severo. “Minha vida foi muito bonita, e ainda é”, disse numa entrevista, sem disfarçar o tom melancólico e os olhos cheios d’água. A atriz se queixava da solidão e do abandono dos amigos, e estava bastante doente. Faleceu em 2013, aos 78 de idade, no Rio de Janeiro.

De sex-symbol à atriz séria, dramática. Norma Bengell construiu uma carreira belíssima, invejável, que poucas conterrâneas também alcançaram. Considerava-se “uma operária, uma trabalhadora do cinema”. Seu nome estará para sempre unido aos acontecimentos da cultura brasileira na segunda metade do último século. “Foi o cinema que me fez conhecer o mundo inteiro, foi o cinema que me deu de comer, que me fez ser amada e odiada. Então, esse cinema é a minha vida”. Teve uma vida que não foi um “mar de rosas”, só para citar o filme de Ana Carolina que fez quando voltou do exílio, com Cristina Pereira e Hugo Carvana, e sobre o qual ela falava com carinho. No papel de uma mãe em desesperada trajetória em direção ao Rio de Janeiro, com a filha como num surto, uma explosão, um delírio, o filme é bem ilustrativo dela mesma, de seu caminho, inclassificável estrela. **C**



POESIA



Gustavo Aragão

Nascido na cidade de Aracaju, Gustavo Aragão é presidente fundador da Academia de Letras de Aracaju (ALA), professor de Língua Portuguesa, escritor, poeta, ator, graduando em Direito, idealizador e organizador da Feira da Leitura e do Livro de Sergipe (Flise).

FLOR DE PALAVRAS TRANSMUTADA

havia palavras
cobertas de estrelas
verdadeiros espelhos
a refletirem eras
vocábulos de outras esferas
ativando as memórias
redivivas
de meu ser
que na palidez macilenta
do tempo
esconde universos
adormecidos
despertados
tão logo o poema
torne-se tudo
na página incauta
de pensamentos fecundos
que somente
na mente aspergi
a semente
da transformação
transmutada
em flor
de palavras

ESCOLHIDO

o amor que eu pensara escolher
foi aquele que me escolheu,
entre tantos infinitos.
então como um grande graveto
passou a desenhar a eternidade
e seus limites
na poeira estelar da vida,
fixando-se.

NASCER

o tempo engravidou a vida
era o instante nascendo,
em vez do dia, corcel de clarões

tão delicioso transtornava o peito,
do momento despertado
por sinfonias,
acesos como borboletas em fogo

gravuras absortas a floravam no
pensamento como um salvador
dali,
construtoras de sentidos,
caçadoras de sonhos, de mim

e, na efemeridade de vida-eterna-
sensação,
ele desfolha num continuum o
que não mais
cabe no momento, infinito, e é
fuga e firmamento

PROJÉTIL

da lírica palavra,
explodem sentidos
em versos, camuflada.
sentem-se estrondos
na pele do pensamento
que se faz e refaz
de um subreptício contato
com o projétil lírico
que se consome
na pele do ar das emoções
em um instante
e que me consome tão logo
seja deflagrado por meu
entendimento.



LUDUVICE JOSÉ

Não lembro o ano. Apenas que era uma quarta-feira e encontrava-me na sala de aula do Colégio Arquidiocesano, arrumando os livros na carteira, quando a professora Carmelita Fontes me perguntou se tinha algum compromisso para a noite da quinta-feira. Disse-lhe que nada de importância, que me lembrasse e anui ao convite que me fez para comparecer a um encontro de jovens de minha idade, que gostavam de ler, de escrever. Deu-me o endereço e no horário e dia aprazados, lá estava – salvo engano era casa do Dr. Walter Bastos, cujos filhos integravam o tal grupo de Carmelita.

Praticamente conhecia 70 por cento da turma: estudantes, da minha faixa de idade, alegres, sorridentes, educados, me recepcionaram como companheiro, deixando-me à vontade.



A MISÉRIA NA PRAÇA

A necessidade se espalhou pela pracinha e cobriu o local de tristeza e dor, pela miséria exposta distribuída entre andrajos de crianças e adultos, vestindo corpos esqueléticos, retrato em preto & branco da fome; retalhos desbotados da carência espalhados pelo chão, refletidos na retina da infância de futuro incerto, do choro abafado pelo não sei quanto, não sei quando e pelo não sei onde, estraçalhando meu início de noite, no desassossego da impotência no agir, vendo um hábito cronificado se estabelecendo de mala e cuia, na indiferença das desigualdades

Aracaju, 19/10/2016

MADRUGADA C ANORA*

Alguns maestros divinal, mudou de rumo e se antecipou na minha madrugada e distribuiu partituras entre a passarada. A diversidade diversificou dos madrugadores canorizando meu intróito de manhã, invadindo a minha praça onde pencaças de pássaros davam o tom mavioso e afinado pelo diapasão naturalmente intuitivo, preparando o amanhecer. Dava gosto deixar a musicalidade em variantes tonais, fazer morada em meus ouvidos complacentes, lembrando-me dos velhos tempos que vivenciei sob a batuta de Leozírio Guimarães. E a minha madrugada mostrava-se feliz pelo coral vestido de penas, cada um no seu cada um, desfiando trinados vários, envolvendo meus sentidos, e embalando meus sonhos de cúmplice da madrugada...

Aracaju, 11/09/2016

COLHENDO SUSTO*

Aos agricultores familiares de Sergipe
É uma leseira pai d'égua!!!!!!
um areal a perder de vista tomou lugar da plantação e planta o pânico no sertão. Previsões de chuvas positivas, negativas, indecisas... O inverno até que esboçou vontade, mas arribou e mudou o humor dos campesinos e dos nordestinos. Safra recorde imaginada e a frustração matou esperanças e sepultou sonhos de um campo verdejante, inflacionando a vida chutando a fatura pra não sei quando!!!

Aracaju, 13/08/2016

TERRA ADENTRO MAR AFORA

ao mestre Leonardo Alencar
Visionário
galopava
quimeras
no dorso dadivoso
do tempo,
dialogando
com arlequins
mambembes,
figuras oníricas;
mares procelosos
e ignotas
terras sem destino,
que integravam
sua genialidade
mal compreendida,
em quixotescas
paragens londrinas
de densas cores
macerando
peixes alados
em poses flutuantes
pelos sonhos e teimosias;
saltimbancos
entre flamulas
açoitadas pelo
vento do talento
e incontestes
inspiração.
A plenitude de sua
terra adentro,
potencializou a criação
sergipanamente
universalizada
numa mescla de tons densos
cores surdas
em meio a um furacão
de movimentos
velozmente criativos
entre felinos
e arlequins apaixonados
deambulando pelas telas,
entre cavaleiros andantes
e farda carnavalesca
com cara sergipana,
e a sonora
Batucada de Estância...

Aracaju, 01/10/2016

MADRUGADA DE TONTOS *

Risadas rasgavam
o silêncio da madrugada...
eram gargalhadas soltas,
libertas,
entre palavras inaudíveis,
dando um tom de escrache
enquanto as passadas
eticamente dirigidas,
faziam corpos cambalearem
pelas calçadas
da área verde do Inácio Barbosa.
Pelo jeito a noite foi pródiga
para os dois amigos,
palreando sobre as goladas.
Passaram ao largo
e certamente não me viram
pastorando Chiquinho.
Encoberto pela penumbra,
na pracinha,
assistia de camarote
a ridícula passagem,
quatro da matina
imaginando algum
familiar preocupado...
Mas a bebida tem dessas:
da pretensão de umas bicadas
o porre assume
o limite some,
a vergonha desaparece,
a moral fenece,
o corpo padece
o hábito adoece
e nasce a contumaz
diversão sem freio.
E entre tropeços em obstáculos
invisíveis,
o papo continuava num idioma
esdrúxulo, sem razão ou lógica,
até se tornar apenas
uma visão
cambaleante
numa madrugada
pachorrenta e ébria...

Aracaju, 17/10/2016



Carmelita chegou logo em seguida e me apresentou ao pessoal. E dirigindo-se a mim, falou sobre a Academia Sergipana de Letras, perguntando então se desejava participar do grupo. Respondi afirmativamente.

Daquela noite em diante, foram muitas quintas-feiras no sadio convívio de jovens, que me ensinaram pelo exemplo, a importância da leitura, da escrita e como tudo isso provocou desdobramentos, fazendo-me enxergar algo novo e que se coadunava com meus desejos mais secretos, o que me confortou e mudou meu jeito de pensar e de viver.

Hoje, com 69 anos completados em 1º de Novembro, nunca a mente esteve tão arejada e, obviamente, tão crítica, mesmo que me apresentando no que escrevo, buscando ser mais lirismo, entendendo porém, que nada me escapa do pensar, analisar, mesmo como um contumaz admirador das madrugadas.





Carmelita Fontes, a Gratia Montal

Ana Maria Fonseca Medina

Laranjeiras debruça-se às margens férteis do Rio Cotinguiba, emoldurada por seis colinas, onde surgem soberanos templos barrocos, silenciosos testemunhos de uma religiosidade e de um fausto econômico que marcaram a sua história. Dista 18 quilômetros de Aracaju e é considerada a “Atenas de Sergipe”.

No bojo da sua memória histórica, emerge das brumas do tempo a flama da liberdade, fruto dos movimentos ali gestados, mas é, acima de tudo, o ninho de onde provêm uma plêiade de intelectuais, como a esplêndida poeta sergipana, Carmelita Pinto Fontes, nascida a 1º de fevereiro de 1933, filha de João da Silveira Fontes e Francisca Pinto Fontes.

A infância foi um tempo inesquecível, numa cidade emblemática, onde a luz e a sombra vestiam a placidez das ruas e as enfeitavam com o trabalho e a lúdica. Os grupos folclóricos mesclavam cores e sons. As procissões em que a fé e a tra-

dição caminhavam juntas, brandido estandartes, tocaram no mais profundo da sua alma sensível. Ao lado da Igreja de São Benedito, onde morava, ouvia recitações de terços, ofícios e deixava-se inebriar pelo sincretismo religioso tão plástico e tão colorido na hierática Laranjeiras.

No rastro das lembranças da infância, surge a figura icônica da professora Eufrozina Amélia Guimarães (Zizinha), aquela que plantou nos arcanos da menina Carmelita o gosto pela adorável missão que veio a abraçar o magistério.

A graciosa aluna, dessa inolvidável mestra, despertou desde cedo pendores para as artes, fazia poemas, cantava, apreciava a música, o teatro. Na sala da sua casa laranjeirense, brincava de ser professora, sempre auxiliada pela irmã Eunice, reproduzindo ali o que via nas aulas da professora Zizinha.

Nas imagens da pré-adolescência uma lhe deixou marcas, a perda abrupta



Carmelita, com a voz quase inaudível, o rosto iluminado pela visita das lembranças sobre a riqueza metafórica da sua obra, diz: “o segredo da poesia é a palavra”.

do pai em grave acidente, a ele dedicou um dos seus mais belos poemas, publicado na obra *Tempo de dezembro - Os cabelos brancos de papai*. Realça aí, de forma dolente, o seu sentimento de orfandade e o cristaliza em lacrimosos versos de profunda inspiração, revelando uma dor lancinante e uma saudade incurável. Este poema pode ser considerado um memorial da sua infância.

*Mas um dia, um dia diferente,
naquela tarde quente,
uma água quente como aquela tarde
caiu sobre você.
Matou você, papai!!!*

*No outro dia, a casa era deserta
e tudo me falava de você;
a gangorra parada,
a cancela fechada,
o cavalo branco,
a lição de geografia...*

Em 1945, o mundo sofria as agruras do conflito mundial que mudou a face do mundo, é nessa época que a família Pinto Fontes, transida de dor pela perda irreparável do chefe da família, transfere-se para Aracaju, onde se inicia um novo tempo de aculturação, Carmelita consegue sua primeira vitória, é aprovada com louvor, no concorrido Exame de Admissão da Escola Normal Ruy Barbosa.

Com o apoio dos familiares, Carmelita foi construindo a sua trajetória de sucesso. Nesse barco da vida teve como timoneira a mãe que se mostrou uma mulher valorosa, ancorada na fé e no amor aos filhos, viúva muito jovem fez da paixão pelo marido e os filhos o *leitmotiv* para seguir guerreando. A filha poeta reconhece a fibra da valorosa genitora dizendo: “Este tronco forte, inquebrantável, tantas vezes sustentou os galhos açoitados pelos ventos da existência, como uma montanha cravada na terra...”.

Concluído com louvor o curso ginasial, a jovem poeta ingressa no Colégio Atheneu Sergipense, encontrando-se de forma marcante com o prazer de aprender mais e, onde se preparou para entrar na novel Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe.

Formada em Letras Neolatinas, nossa biografada logo se destacou como a mestra perfeita, enérgica em sua verdade, mas doce e segura no seu mister, construiu uma trajetória brilhante, com vários cursos de especialização em outros países, como Chile e Portugal.

Indicada pelo amigo Dom Luciano Duarte, foi nomeada em 1961 para vice-presidência do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, depois seria a diretora. É nessa época que fundou a Academia de Jovens Escritores, cujos frutos se pode

avaliar em nossos dias, por meio de intelectuais, como Clara Angélica Porto, Vinicius Dantas, Marcelo Ribeiro, Tânia Menezes, Luiz Eduardo Oliva, Amaral Cavalcanti, entre outros. Esses meninos dotados de sensibilidade faziam cinema, jornal, poesia, música; agitavam os meios culturais, tinham seus textos publicados no Jornal A Cruzada, tudo sob a liderança incontestável da adorável mestra.

Carmelita pensava o jovem educando numa visão ampla, não se descuidou da espiritualidade, coordenava a JEC (Juventude Estudantil Católica). Aos sábados reunia muitos estudantes secundaristas para tardes de reflexão, fazendo à época, o que denominava *nucleação*. O Evangelho era estudado à sombra de vários pensadores cristãos. Foi sua aluna e testemunha dessa bela história.

A sólida formação profissional de Carmelita abriu caminho para ocupação de vários cargos na vida acadêmica e cultural de Sergipe, tais como, membro do Conselho Estadual de Cultura, da Academia Sergipana de Letras; professora de Estilística, Linguística, Literatura Francesa, Língua Portuguesa, dando uma dimensão nova ao seu magistério. Foi Diretor-Editor da Revista da UFS e Coordenadora da Oficina de Leitura do Departamento de Letras da Universidade Federal de Sergipe.

Sob o sonoro pseudônimo de Grátia Montal, assinou por vários anos uma coluna no Jornal A Cruzada. Muitas das crônicas eram relatos do tempo vivido no Velho Mundo. A qualidade do seu trabalho atraiu intelectuais de diversas partes do Brasil e do exterior. Teve a honra de ser referenciada com autores, como Aurélio Buarque de Holanda, Renata Pallotinne, J.J. Veiga, Mário Cabral, Ilka Lauriti. Foi biografada pelo Dicionário Literário Brasileiro, de Raimundo de Menezes, da Academia Paulista de Letras.

Assinou artigos em diversos jornais em Sergipe e na Europa, a exemplo do Jornal A República, de Portugal.

Publicou os seguintes livros: *Baladas do Inútil Silêncio* (poesia), com Gizelda Moraes e Núbia Marques; *Tempo de Dezembro* (poesia); *Lição de Beleza* (prosa); *Lição de Sabedoria* (prosa); *Sementes na Calçada*, (crônicas). Participou da Antologia *Palavra de Mulher* (Poesia Feminina Brasileira Contemporânea).

Carmelita, com a voz quase inaudível, o rosto iluminado pela visita das lembranças, indagada por mim, sobre a riqueza metafórica da sua obra, diz: “o segredo da poesia é a palavra”.

Senhora de tantos recursos estilísticos e de tanta artesanaria vocabular legam-nos uma obra de valor inestimável. **C**

JOSÉ ALOÍSIO DE CAMPOS

*E O DESENVOLVIMENTO
DE SERGIPE* **Dilson Menezes Barreto**

Quando ingressei na Consultoria Técnica de Assuntos Econômicos e Financeiros (COTEF), órgão vinculado à Secretaria de Estado da Fazenda nos idos de 1962 como Datilógrafo, Dr. José Aloísio de Campos era o seu Consultor Técnico. A impressão que tive ao vê-lo pela primeira vez era de um homem sério, de pouco sorriso, voltado para o trabalho, nunca se afastando da sua máquina de datilografia Remington que manuseava com grande rapidez. Era um profissional extremamente competente e que tinha uma visão de longo prazo nem sempre alcançada pelos integrantes de sua equipe. Nunca faltava ao expediente e cobrava rigorosamente a presença de todos os seus subordinados. Parece que não dormia, pois trabalhava até altas horas da noite. Determinado a ser Químico Industrial, na terceira tentativa sem obter sucesso, fui chamado ao seu gabinete sugerindo-me que eu fizesse vestibular para Economia. Falou-me então sobre planejamento e desenvolvimento econômico, do CONDESE – Conselho de Desenvolvimento Econômico de Sergipe que funcionava precariamente no mesmo ambiente da COTEF no período da tarde com os mesmos servidores, emprestando-me alguns livros para que eu pudesse familiarizar-me com o assunto. E disse mais, se você for um bom aluno poderá tornar-se mais adiante um eco-

nomista do nosso quadro. Interessei-me, fiz vestibular e, após formado e aprovado em curso de especialização em Planejamento realizado em Brasília, tornei-me economista do CONDESE.

Era assim, o Dr. José Aloísio de Campos: mesmo deixando transparecer a imagem de um homem extremamente austero, perfeccionista e intransigente, a minha convivência com ele fez descobrir que no fundo tratava-se de uma pessoa amável, sentimental e solidária que sabia convencer e estimular seus subordinados na busca do seu desenvolvimento pessoal e profissional. Era um apaixonado pela ideia do desenvolvimento integral e integrado, dentro de uma perspectiva de longo prazo, vislumbrando na industrialização dos recursos minerais de Sergipe, a grande alternativa capaz de promover mudanças radicais na economia estadual, proporcionando geração de empregos e melhoria de bem estar da população. Precursor do planejamento em Sergipe, toda a sua vida profissional estava intimamente relacionada com o sentido do novo, com as mudanças. Projetava para o Estado um futuro grandioso, notadamente a partir da chegada da Petrobrás para exploração do petróleo e gás natural e das descobertas das imensas jazidas minerais de calcário e de sais potássicos (carnalita, taquidrita e halita) existentes em grandes quantidades em nosso subsolo.

Como assessor do Governador Luiz Garcia, Dr. Aloísio acompanhou toda a movimentação política e técnica que resultou, no final de 1959, na criação da SUDENE (desde as reuniões dos governadores, como as realizadas pelos Bispos do Nordeste), debatendo com Celso Furtado o futuro da Região. Essa movimentação estimulou o Governo do Estado a também instituir em Sergipe um órgão de planejamento. Mais à frente, já em 1984, quando do Regime Militar e tendo como governador Celso Carvalho, José Aloísio de Campos promoveu a reorganização do CONDESE transformando-o em Autarquia, o que possibilitou a montagem de uma equipe técnica multidisciplinar integrada tanto por profissionais locais, como de outros Estados do Nordeste, além de estabelecer uma remuneração financeira compatível com as qualificações profissionais exigidas dos recrutados. Com sua maneira pragmática de comandar, aglutinou em torno de si profissionais competentes e dedicados ao trabalho, característica primordial para o sucesso, isto porque, segundo seu pensamento, nenhum trabalho poderia apre-

“O CONDESE, não apenas como órgão de promoção do desenvolvimento de Sergipe, ao longo de sua existência transformou-se também na maior escola de administração pública do Estado”.

sentar o êxito desejado, caso não existisse em seu entorno uma equipe competente e bem remunerada. Formava-se assim uma nova “intelligentsia” no Estado de Sergipe, e o CONDESE passou a coordenar toda a política de desenvolvimento estadual, definindo inclusive as prioridades dos investimentos, inclusive realizando diretamente a liberação dos recursos. O regime de exceção que se vivia naquele período, garantia ao CONDESE a autoridade suficiente para comandar, com pouca contestação, o processo de planejamento voltado para o desenvolvimento de Sergipe, mesmo que alguns segmentos lhe atribuíssem a pecha de ser “um Estado dentro do Estado”.

Em seus constantes diálogos com as equipes do CONDESE e também nas diversas palestras que proferia para vários segmentos da sociedade civil, sempre dizia que “o desenvolvimento é, antes de tudo, um processo de mudanças, de transformações e de modificações quantitativas e qualitativas que alteram não apenas a estrutura do sistema econômico, mas, também, os valores básicos e comportamentais das sociedades tradicionais”. Daí defender intran-



1.

1. Dr. José Aloísio de Campos
2. O Reitor Aloísio Campos com os colaboradores, Edgard Mota, Antônio Álvaro e Anselmo Oliveira



2.



3. O prefeito José Aloísio de Campos, recebendo um presente dos funcionários da prefeitura municipal de Aracaju, por ocasião de sua saída da prefeitura.

4. Posse do economista e professor José Aloísio de Campos como reitor da Universidade Federal de Sergipe. presentes: à esquerda a secretária do conselho da UFS, o reitor Luiz Gama transmitindo o cargo, à direita o governador José Rollemberg Leite e a professora Maria Thetis Nunes.

5. O Reitor Aloísio Campos com o Jornalista Orlando Dantas e o Ministro Luiz Carlos Fontes de Alencarna obra de construção do Campus Universitário da UFS.

6. O reitor José Aloísio de Campos em visita às obras do campus da Universidade Federal de Sergipe em São Cristóvão, acompanhado do jornalista Orlando Dantas e do ministro Luiz Carlos de Alencar .

sigientemente a realização de um projeto de desenvolvimento que, ao ser efetivado, provocasse mudanças econômicas, sociais, culturais e políticas da sociedade, tornando-a receptora dos benefícios que seriam produzidos. Fixado nessa obsessão desenvolvimentista, desencadeou uma grande luta para o aproveitamento industrial dos nossos recursos minerais, culminando, anos mais tarde, na montagem de um grande projeto de desenvolvimento que veio a denominar-se “Complexo de Indústrias Químicas e Petroquímicas de Base de Sergipe”. Vivenciávamos nessa época a euforia do II Plano Nacional de Desenvolvimento tornando-se necessário integrar Sergipe neste contexto.

Determinado em promover o desenvolvimento de Sergipe, Dr. Aloísio aliou-se ao Jornalista Orlando Dantas na grande e longa batalha contra o Grupo Lume, restituindo a propriedade das jazidas de sais potássicos para a Petrobrás, o que resultou na criação da Petrobrás Mineração, hoje comandada pela Vale. Além disso, articulou junto ao Governo Federal a implantação da fábrica de Amônia e Ureia, fomentando paralelamente o debate sobre a construção do porto, tendo iniciado também as primeiras negociações com a Petrobrás para a construção da Adutora do São Francisco que abasteceria com água daquele rio as unidades industriais projetadas para

o Complexo Industrial, como também a Cidade de Aracaju, cujos mananciais, em decorrência do crescimento de sua população, ameaçavam não suportar a crescente demanda.

O CONDESE, não apenas como órgão de promoção do desenvolvimento de Sergipe, ao longo de sua existência transformou-se também na maior escola de administração pública do Estado, alimentando os diversos órgãos que compunham sua estrutura administrativa, com profissionais altamente qualificados e dedicados às questões do desenvolvimento, garantindo sustentabilidade técnica aos mais diversos órgãos. Com a sua ousadia e persistência, dotou o Estado de Sergipe de uma elite pensante capaz de elevar a capacidade operacional da máquina administrativa estadual, criando assim um ambiente para a construção de um novo Sergipe. Da mesma forma que Celso Furtado representou o símbolo maior do desenvolvimento da Região Nordeste, Dr. José Aloísio de Campos exerceu este mesmo papel em Sergipe e o fez de maneira a construir uma história que pode ainda hoje ser reproduzida pelas novas gerações de profissionais desde quando tenham eles uma visão clara de progresso e acreditem que o futuro somente pode ser construído com muito trabalho e visão de longo prazo, nunca se deixando vencer pelo pessimismo. **C**



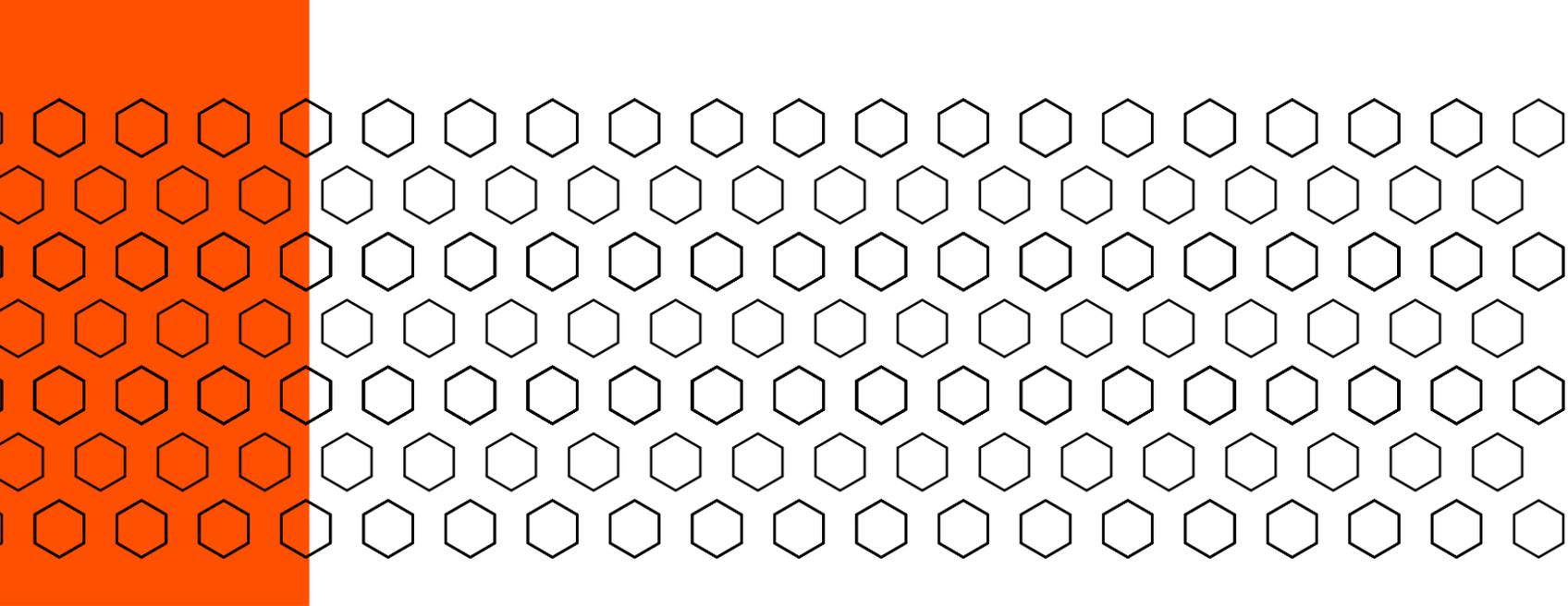
Fotos: Saracura

NA FEIRA DE ITABAIANA

Tijolos, redes e fumo de rolo

Antônio FJ Saracura

Andei ao léu, correndo a feira de Itabaiana, naquela sábado perto do meio dia. Revisava lições de comércio que o tempo embaçara em minha mente. Vivi em outros mundos dispersos. Mas em menino, sessenta anos atrás, fui vendedor de água fria de moringa, de onde tirava a entrada aos “seriados” do cinema de Zeca, que lotava, nas matinês do sábado, e o trocado aos picolés de manga ou pitomba na beirada do campo na várzea da lagoa Obra Fina, arena, nas tardes de domingo, de bárbaras partidas de futebol roceiro.



Perguntei o preço, pechinchei e depois paguei o valor cheio, esqueci o desconto obtido à duras manobras nas “espécies” de amendoim. A feirante, nativa da Terra Vermelha, Eunice, ainda viçosa apesar dos janeiros, nesse meio tempo, misturado às tramas comerciais, me contou que o marido deixou-a na mão, dezoito anos atrás. Três pirralhos arados para criar, morando num barraco em um cantinho do sítio da mãe. Patacounas malhadas, ganhava o da mistura e olhe lá. Precisava achar um jeito de criar os filhos. Deu na veneta de negociar com qualquer besteirinha. Começou a fazer tijolo de raiz de umbu, “espécies” de amendoim e outras guloseimas nativas. Havia um umbuzeiro broco no sítio e sempre teve umas tiras de amendoim de meia por aí. Nos dias de feira, de madrugada, botava a trouxa de saco alvejado na cabeça e tocava pra rua. Abria-a no colo e, como quem carrega uma criancinha ao peito, ia oferecendo a um e outro os quitutes. No início, para escapar dos fiscais, acompanhava os vendedores de água com suas moringas, escolados na arte. “Venci na vida. Hoje tenho este ponto fixo, pago a faculdade do filho mais novo, ele deu pra leitura. Tenho meu bom sítio e, os outros dois meninos, já casados, plantam aipim manteiga e batata doce para os supermercados da Bahia”.

“E o marido?”, perguntei por perguntar. “Nunca mais eu quis a saber de

homem nenhum!” Eunice deu um sorriso maroto, fulminou-me com dois raios azuis que me tiraram de sintonia.

xxx

E mais à frente, fiquei, à parte, assistindo ao embate entre o vendedor de redes e um freguês que não deveria ter um tostão no bolso. Aí, uma voz feminina gritou no meio de uma floresta de redes armadas: “Saracura, cadê o livro mais novo, que fala dos ferreiros das Flechas?”. Tomei um susto, tão ligado estava na negociação sem futuro a que assistia. Virei o rosto e dei-me de frente com uma morena bonita e madura. Ela sorria como se fosse velha amiga. E era mesmo. Silvana, depois que a loja de chapéus de seu Ênio fechou, adquiriu aquela banca de redes, na pedra da feira, quase em frente à antiga loja onde fora balconista exclusiva por vinte anos. Leitora crítica, sugeria desdobramentos em minhas histórias, que eu anotava sofregamente...

Que fiz, agora? Corri ao carro, que estava estacionado na praça da matriz, à cem metros, e presenteei-a com “Os Ferreiros”, o novo livro que ela ainda não lera.

E ela? Só faltou me beijar de tanta alegria. O marido enfarruscado assistia à tudo, ao lado, assuntando sei lá o quê. Na saída, estendi-lhe a mão, como uma defesa. Ele abriu os braços, abraçou-me efusivo e

“E mais à frente, fiquei, à parte, assistindo ao embate entre o vendedor de redes e um freguês que não deveria ter um tostão no bolso.”

”

falou ao meu ouvido: “também já li todos os seus livros!”. Olhou a esposa, segurou-me com firmeza e me surpreendeu de novo: “volte aqui dentro de quinze dias. Vou mandar comadre Nininha, a melhor teceadeira das Flechas, tecer uma rede com seu nome nas cabeceiras. Vai ser um presente!”.





xxx

Parei na feira dos fumos. Havia uma fila de bancas, ao pé do antigo vapor de Joãozinho Tavares, agora um prédio de departamentos de um flecheiro, chique demais, onde o Maganize Luiza não resistiu e pousou para fazer negócios...

Cinco ou seis bancas apenas, pelo menos aqui. Já foram dezenas no passado... Mas ninguém pode garantir que não haja mais bancas de fumo em algum lugar dessa feira que não acaba mais. Encostei na primeira da fila. Sentado, no outro lado, um ancião com jeito de roceiro, chapéu de couro amassado na cabeça, barba encanecida por fazer. Desanimado da vida. Sobre o tablado escurecido da banca, um rolo de fumo de

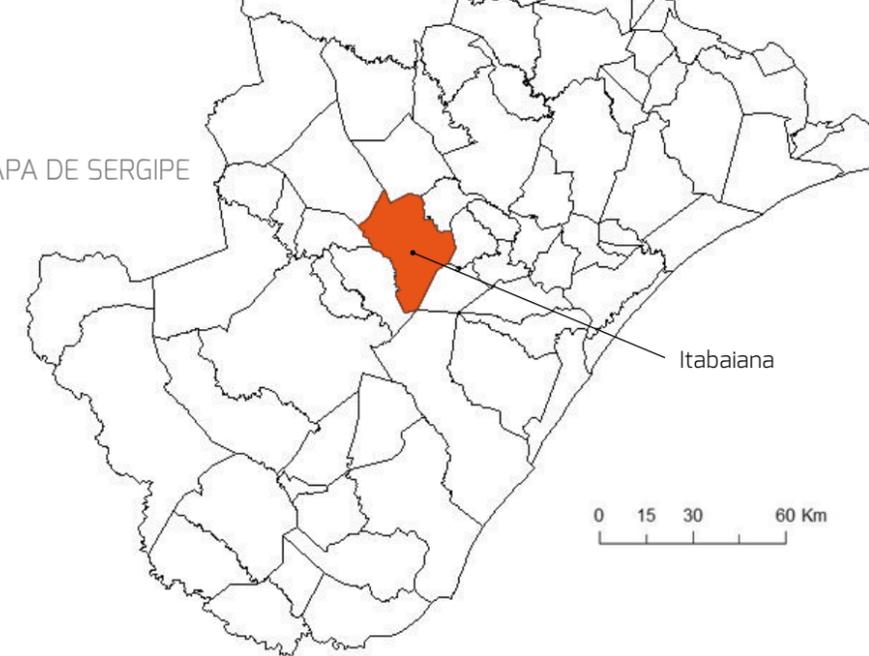
mais ou menos vinte voltas: uma cobra jaracuçu armada para o bote. A cabeça levantada, bem à mostra, tinha o jeito de um bombom de caramelo cortado ao meio. Senti o cheiro apetitoso, que me encharcou a boca. Havia, ainda, no tablado, pacaios em fila, como se fossem balas de fuzil enroladas em palha de milho ou em um papel de marca Colomy. E bem dispostos, pacotes amarelos de fumo picado da marca Sacy. Li as letrinhas menores, procediam de uma fábrica de Lagarto. Perguntei ao negociante, que me parecia ainda desinteressado: “Como é que o senhor vende o fumo?”. Ele me olhou, um tanto aturdido, talvez não estivesse acostumado a perguntas tão bissonhas: “No peso, Oxente? Diga quanto vai querer?” E, com uma faca encerada



“

Havia, ainda, no tablado, pacaios em fila, como se fossem balas de fuzil enroladas em palha de milho ou em um papel de marca Colomy”.

MAPA DE SERGIPE



pelo negro do fumo, no ar, bem perto de mim, esperou o pedido do raro freguês com cara de dinheiro.

As demais bancas que se enfileiravam à minha esquerda, estavam sem freguesia. Na última, um baixinho com cara de japonês, talvez um índio puro sangue, puxava baforadas de um cachimbo de barro. Todos os vendedores simulavam desinteresse, mas eu sabia que me estudavam.

Apontei o rolo de fumo à minha frente. Afastei o polegar do indicador, queria um pedaço assim, deste tamanho, que daria talvez cinco ou seis centímetros. Uma experimenta que nem valia a pena, talvez, cortar. Antes que a faca descesse, interrompi o vendedor com outra pergunta: “Posso dar uma cheiradinha antes?”

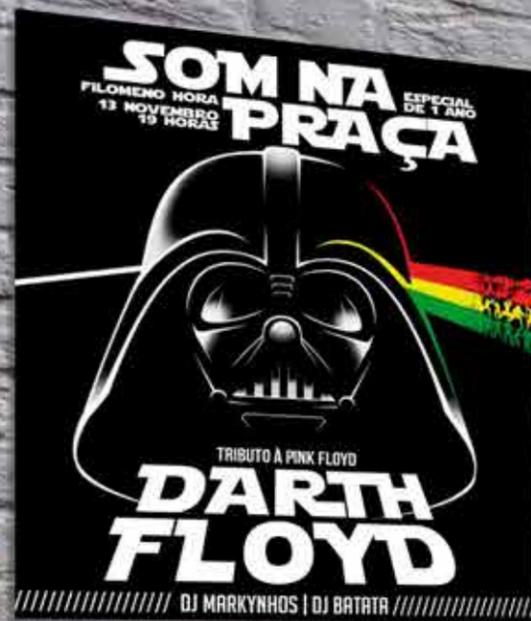
Como faz o vendedor de requeijão do sertão, que fica lá na frente, no grande galpão coberto, de quem sou freguês cativo, o vendedor de fumo, calado, fechado, tirou uma talisca do tamanho de nada, e, com a ponta da faca, estendeu-a a mim.

Como eu deveria cheirar? Diretamente na ponta da faca, correndo o risco de ter o nariz beliscado, ou pegar o pedaço com a mão, melecando meus dedos, que teria que lavar em algum lugar incerto? O vendedor, lendo o vacilo, tentou resolver com suas garantias: “É fumo de primeira, vem de Lagarto, do sítio de seu Jeconias, tataraneto dos índios do Santo Antônio, conforme costuma me dizer. Pode levar

sem medo. Nem precisa cheirar”. Mas eu não podia voltar atrás. Arranquei a talisca e encostei ao nariz. Abriu-se uma clareira dentro de minha cabeça. Meu esqueleto balançou querendo dançar, e penetrei no mundo dos sonhos gratos: meu bisavô de Lagarto, Nicolau de Norato, acompanhado dos filhos: Zezé, Conrado, Corró, Juca, Vicente e Preta, tomou o lugar dos vendedores desinteressados, que foram saindo cabisbaixos.

Deu-me uma vontade incontrolável de comer o bombom de caramelo que tinha na mão. Segurei-me entretanto. Afastei o nariz, fugi da clareira, alarguei minha medida até onde puderam os dois dedos distendidos. O vendedor olhou-me com olhos de cumplicidade e cortou um palmo.

Paguei uma ninharia, botei o pequeno embrulho no bolso das “espécies” e caminhei rápido pelos compridos becos de barracos da Feira de Itabaiana. Não iria parar mais em canto nenhum. Ao passar pela feira dos cereais, bem no caminho de meu carro, peguei no chão, junto a um monte de espigas de milho à venda, uma mancheia de palhas amareladas pelo dia inteiro no sol. Em casa, faria um cigarro no capricho. Deitaria em minha rede, à sombra da mangueira bobona do quintal. Retomaria o sonho com meu bisavô Nicolau, que não posso deixar fugir. Esse meu povo precisa ser ressuscitado! **■**



CULTURA NO CHÃO da PRAÇA

Claudefranklin Monteiro



Em que pese o contrário, cabe ao poder público apoiar, estimular e realizar ações culturais. Certo? Nem sempre. Nos últimos anos, ele, em linhas gerais, tem feito a sua opção preferencial por outras áreas e a cultura ficou regalada a segundo plano, salvas algumas raríssimas exceções. Se é verdade que a cultura não rende votos, também não mobiliza os agentes públicos, que, por sua vez, tornam reféns os protagonistas de cultura, seja ao nível do fazer, seja ao nível da gestação.

Se levarmos em consideração os estudos de Sílvio Romero e Melo Moraes Filho, finais do século XIX, a antiga Vila de Nossa Senhora da Piedade do Lagarto, conquistada, enquanto território, em 1596, e fundada no dia 20 de outubro de 1697, foi palco das maiores manifestações da lúdica popular sergipana, ao lado de lugares como Laranjeiras e São Cristóvão.

Nestes longínquos tempos, o fazer cultural era protagonizado pela gente de sua terra, como resultado de encontros e desencontros étnicos e seus saberes, na rua, nos becos, nas praças. Sob as hostes da Igreja Católica, até 1891, iam aqueles folguedos e outras coisas do gênero se fazendo sob o pêndulo da vigilância e da ressignificação.

Com a República, o fazer cultural se revestiu, aos poucos, em política pública. E nesse sentido, alguns estudos já ganham

corpo, em inúmeras instâncias, a explicar a relação entre Estado e produtores culturais, inclusive em Sergipe. Ao passo em que a cultura foi virando uma festa, a festa foi, também, se espetacularizando. Neste movimento, ora a cultura era menina dos olhos, ora a menina pobre do Estado.

Com a atuação insípida do poder público na cultura ou a sua má-atuação, surgem as chamadas iniciativas de contracultura, notadamente em períodos de governos de linhas dura, ou mesmo a cultura alternativa, acéfala do Governo, contando com o apoio da iniciativa privada e com um movimento próprio e ao sabor das liberdades e demandas de suas gerações. Em ambas, o mote da contestação.

A cena cultural de Lagarto, sob o viés da mobilização juvenil, vem de longa data. Pelos idos de 1970, estudantes de direito, advogados, médicos, professores, religiosos e entusiastas se reuniram para fundar a Associação Cultural de Lagarto (ASCLA). Entre seus membros, Paulo Andrade Prata (atual Presidente da Academia Lagartense de Letras).

Eram anos de supressão da liberdade, mas isto não intimidava aquela geração, que por pelo menos duas décadas seguintes realizou inúmeras atividades que punham Lagarto no cenário das cidades que operavam bem a cultura. De todas elas, destaque para o Festival de Música Popular de Lagarto (FLAMP).

Entre trancos e barrancos, foi o movimento cultural seguindo a mesma toada ao longo dos anos: ora intenso e promissor, geralmente atrelado aos governos e ao comércio, ora fastioso, inócuo e inoperante, não fossem as iniciativas particulares, como as capitaneadas pelos saudosos: Adalberto Fonseca, João Briba, Tonho de Sinhô, Maninho de Zilá e Gérson; ou, num tempo mais recente, pela Senhora Ione.

Nesse ínterim, nos dez últimos anos, sobretudo pela carência de concursos de poesia, festivais de música, encontros, exposições, vernissages, shows, uma turma jovem do interior de Sergipe, da cidade de Lagarto, sob a tutela do cantor e compositor Afonso Augusto, e sob as bênçãos de nomes consagrados, como Assueiro Cardoso Barbosa, Angélica Amorim e Anderson Ribeiro, transformaram em

realidade o *Sarau da Caixa D'Água* e o *Som na Praça*.

Também merecem nota, movimentos como o “Junta Tudo” e “Gentes, bares e poesia”. Todos na perspectiva de uma nova cena que atendia a necessidade do sempre fazer cultural, não bastassem as inoperâncias da seara pública governamental. Ou ainda, na certeza de que a cultura segue seu *trottoir*, livre das amarras da política local ou ao sabor dos grupos partidários.

A cada nova edição, cresce e cresce o interesse e o público. E a cidade, logo foi mobilizando em torno de duas demandas necessárias do tempo presente: a livre expressão e a necessidade de manifestação da arte e dos seus inúmeros talentos, inclusive, historicamente, sempre renovados a cada nova fornada de jovens.

Parte da Trupe em visita a escola pública de Lagarto.





Afonso Augusto (idealizador)

Anderson Ribeiro (poeta e jornalista)

Angélica Amorim (atriz e poetisa)

Assuero Barbosa (poeta)

Jaflety Pedroa (poeta)

Pedro Cazoy (ator)

A cidade que é berço da tradicional Banda Los Guaranis, Banda Lacertae e do Grupo Parafusos, conta hoje, com inúmeros outros exemplos de uma cena cultural que se renova pujantemente, sobretudo na perspectiva da chamada cultura alternativa.

No cenário musical, só para citar alguns, como *Afonso Augusto*, *Denival*, *Kiko Monteiro*, *Corações e Mentas*, *Laelson Correia*, *Alessandro Silva*, *Nuvem Negra*, *Verso e Morfina*, *Estúdio Box* e *Azulejo*, *Banda Crossroad* e *AlySoul*; como os atores *Pedro Cazoy*, *Edclécia Santos* e *Zaninho Urashima* e como os grupos *Cobras e Lagartos*, *Sete Panos* e *Louvor Sertanejo*, este último liderado pelo historiador *José Uesele*, um teatro e até mesmo um cinema que seguem na esteira criativa dos saudosos *Ivilmar Gonçalves* e *César de Quitéria*; na poesia, nomes como os dos jovens *Alef Souza*, *Jaflety Pedro*, *Adriano Souza*, *Thalia Leal*, *César de Oliveira* e *Ailton Silva*. Sem falar nas artes plásticas e no desenho, com *Júnior da Efeito X*, *Rogério Bonifácio* e *William Oliveira*. E até mesmo, em artes consideradas circenses como a mágica do jovem *Kennedy Bezerra*, além de malabares e palhaços.

Essa turma, frente a ausência de palcos e de oportunidades para manifestar seus talentos, a partir de 2014 passou a se valer do próprio espaço público. Nesse sentido, no último final de semana de cada mês, começou a se reunir embaixo de uma

caixa d'água da Praça Sabastião Garcez, para realizarem o Sarau da Caixa D'Água. A iniciativa, segundo seu idealizador, Afonso Augusto, foi inspirada no Sarau Debaixo, que ocorre em Aracaju. Ao longo de mais de duas dezenas de edições, o Sarau da Caixa D'Água foi ganhando, inclusive, feições regionais, atraindo artistas de outras cidades e estados.

A partir de 2015, além do Sarau da Caixa D'Água, passou a ser realizado o projeto "Som na Praça", nas dependências da Praça Filomeno Hora, contando também com algumas participações especiais, a exemplo da cantora Patrícia Polayne, conhecida em nível nacional. Também idealizado por Afonso Augusto, O Som na Praça, ilustrado com vernissages, conta com o apoio do Dj Markynhos.

Na primeira edição do ExpoLagarto, em setembro de 2016, a chamada cultura alternativa de Lagarto e seus expoentes foram chamados para promover ações de cultura e o reavivamento do Festival Lagartense de Música Popular durante o evento.

A memória desse tempo da cultura lagartense está sendo registrado por meio de fanzines, panfletos e jornais independentes, bem como das diversas mídias e redes sociais, matérias de portais de notícias locais, como o Lagartense e LagartoNotícias e de revistas, como a Revista Realce.

Em que pesem as considerações acima, entendemos que, afora estas, outras

iniciativas precisavam e urgem ser levadas a termos, sob pena de testemunharmos o poder público cruzar os braços, em definitivo, e justificar-se perante a proatividade daquela turma como a explicação para a sua inércia.

Nunca é demais lembrar, que o Concurso de Poesia Falada é obrigação legal do Poder Municipal de Lagarto. E que, por nem sempre ser levado em conta, já provocou a existência de concursos, propositadamente, reconhecidos como *marginais*.

Dar seguimento a atividades bem-sucedidas no passado recente, como o Encontro Cultural de Lagarto, se não é dever, é, ao menos, uma questão moral, independente de quem "pariu a criança", se A ou B. O mesmo dissemos

para três honrarias que dormem no berço esplêndido do esquecimento: Prêmio e Comenda Sílvio Romero e Comenda Monsenhor Daltro. O Dia da Lagartidade, 20 de outubro, ignoram. Ações de incentivo ao folclore, ao teatro e à cultura popular, também.

A turma que vem fazendo cultura no chão da praça, seja em Lagarto, seja em outros lugares, representa o afã de uma

gente que se apropria da cultura no que ela tem de melhor, se levamos em consideração as discussões em torno do patrimônio cultural, que envolvem sentimento de pertencimento, identidade e consciência do protagonismo cultural.

Esta formação de uma cena cultural alternativa, ainda que não seja inédita, como já vimos acima, frente a sua particularidade e intensidade têm despertado a atenção de muito seguimentos. Nesse sentido, alunos do Instituto Federal de Sergipe (Campus Lagarto), Sofia Roque, Beatriz Matos e Anderson Santos, sob a tutela do Prof. Anselmo Carvalho realizaram um estudo intitulado "Os Lagartenses que rugem: as práticas culturais alternativas em Lagarto (2006-2015)", resul-

tado de um projeto de pesquisa e extensão daquela instituição.

O trabalho do IFS de Lagarto revela que as migalhas do poder público não tornarão grandes e dignos os lagartenses e sergipanos enquanto povo. E nesse sentido, ainda bem que ainda subsiste o pão nosso de cada dia, nos sarais e nos sons da praça. Caso contrário, já havíamos, todos, morrido de inanição cultural. **C**

"A memória desse tempo da cultura lagartense está sendo registrado por meio de fanzines, panfletos e jornais independentes, bem como das diversas mídias e redes sociais, matérias de portais de notícias locais",



olhares sobre a
ACADEMIA
sergipana de letras

José Anderson Nascimento

FUNDADORES (Da esquerda para a direita):

Gervásio de Carvalho Prata / Edison de Oliveira Ribeiro / Augusto Cezar Leite / Alfeu Rosas Martins / Clodomir de Souza E Silva / Manuel dos Passos de Oliveira Teles / Enoch Santiago / Florentino Teles de Menezes / Artur Fortes / Antônio Manuel de Carvalho Neto (Presidente) / Cel. José da Silva Ribeiro (Patrono de Honra) / Pedro Sotero Machado / João Pires Wynne / José de Magalhães Carneiro / Joaquim Maurício Cardoso / Manoel Campos de Oliveira / Luiz José da Cosdta Filho / Epifânio da Fonseca Dória e Menezes

Na década de 1920, o movimento cultural mais evidente em Sergipe era desenvolvido pela Hora Literária General Calazans, uma sociedade lítero-artística, fundada em 1º de abril de 1919, composta por escritores de ambos os sexos e de todas as tendências literárias. A Hora Literária General Calazans funcionava na residência do empresário José da Silva Ribeiro, inicialmente localizada na Rua do Barrão, atual Rua João Pessoa e, transferida depois, para a Colina do Santo Antônio, tempo em que passou a denominar-se como Hora Literária do Santo Antônio, movimento literário, aberto às diversas manifestações da inteligência.

Apesar da importância da Hora Literária, as aspirações dos poetas e escritores era fundar uma academia, nos moldes da Academia Brasileira de Letras. Antes de fundar-se a Academia Sergipana de Letras várias tentativas haviam sido feitas no mesmo sentido, especialmente, pelo poeta Joaquim Prado Sampaio Leite e pelo jornalista Edison Ribeiro, cujas idéias eram defendidas nas páginas do Diário de Aracaju, jornal que dirigia, na época.

O certo é que, estimulados pelo poeta Antonio Garcia Rosa, principal mentor da criação do sodalício, apoiado pelos, também, poetas João Pires Wynne e João Passos Cabral, juntaram-se a eles, o escritor ficcionista José Magalhães Carneiro, o poeta Cleómenes Campos, o escultor

e poeta Rubens de Figueiredo Martins, o orador sacro Monsenhor Carlos Camélio Costa, o historiador Clodomir Souza e Silva e o contista Manuelito Campos de Oliveira, que deliberaram fundar a Academia Sergipana de Letras, cujo ato inaugural aconteceu em sessão no dia 1º de junho de 1929, às 20 horas, na residência do empresário José da Silva Ribeiro, na Praça General Siqueira de Menezes, na Colina do Santo Antônio, cuja solenidade foi presidida pelo Coronel Francisco de Souza Porto, Presidente do Estado, em exercício.

A Academia recém-fundada tomou como modelo a Academia Brasileira de Letras, instituindo quarenta lugares vitalícios, dos quais dezesseis foram preenchidos por intelectuais que pertenciam à Hora Literária. Posteriormente, foram integrados os vinte e quatro restantes, eleitos pelo núcleo inicial.

As cadeiras da Academia têm cada uma a sua denominação própria, tomada dos nomes dos nossos antigos poetas e escritores, que são os patronos segundo a expressão consagrada oficialmente.

Observamos que tanto os patronos das cadeiras simbólicas da Academia, quanto os acadêmicos fundadores, experimentaram os mais variados matizes literários, desde o romantismo até as manifestações do simbolismo, passando pelas representações parnasianas, quando buscavam a perfeição formal. Nesta escola, destaca-

ram-se o jurista Gumerindo Bessa, o magistrado Prado Sampaio e o também magistrado Manoel dos Passos Oliveira Teles.

No momento do Romantismo, em que os autores tentavam afirmar a nacionalidade brasileira, com temas diretamente vinculados à realidade nacional, várias foram as experiências dos escritores e poetas sergipanos, valendo frisar, dentre eles Bittencourt Sampaio, Pedro de Calazans, Tobias Barreto, Elziário da Lapa Pinto, Severiano Cardoso e Sílvio Romero.

Dentre os simbolistas, que adotavam uma tendência espiritualista nas suas produções literárias, destaca-se o principal incentivador da criação da Academia, o professor e poeta Antônio Garcia Rosa, cuja produção cingiu-se ao livro *Lírica*, composto de poemas líricos e musicais.

Jackson de Figueiredo Martins, patrono da Cadeira nº 29, foi notável nas suas apreciações filosóficas, assim como outros pensadores católicos, entre eles o Monsenhor Domingos Fonseca de Almeida, que ocupou a Cadeira nº 29, autor de vários ensaios teológicos, além daqueles que fizeram do púlpito as suas construções retóricas, na difusão das suas ideias como

“A Academia recém-fundada tomou como modelo a Academia Brasileira de Letras, instituindo 40 lugares vitalícios, dos quais 16 foram preenchidos por intelectuais que pertenciam à Hora Literária”.

Dom Mário Miranda Vilas Boas, Dom Antonio dos Santos Cabral, Monsenhor Carlos Camélio Costa e Padre Julio Ferreira de Albuquerque.

Então, no decorrer desses anos, participaram do movimento acadêmico beletistas e agentes culturais de todos os segmentos sociais e políticos de Sergipe. Poetas, escritores, artistas e cientistas compuseram o quadro da Academia, desde a sua formação inicial.

Outros pensadores foram eleitos, mas não tomaram posse dos respectivos cargos, a exemplo do Monsenhor Alberto Bragança de Azevedo, do professor Acrísio Cruz, do jurista e professor Osman Hora Fontes e do médico Airton Barreto Teles.

Como se vê, para a formação da Academia Sergipana de Letras a contribuição dos seus acadêmicos tem sido notada de forma relevante. Afirmamos, ainda, que a Academia vive da produção dos seus acadêmicos, tanto no jornalismo, como na produção de textos publicados em livros, em plaquetas, em *blogs* e em todos os meios de comunicação existentes.

No passado era muito difícil para os escritores publicarem os seus trabalhos li-





Posse do academico José Francisco de Jesus Saracura



Posse do academico Lúcio do Prado Dias

terários. Valiam-se, praticamente, das páginas dos jornais, das revistas da própria Academia, e dos opúsculos e livros publicados, em especial, na Imprensa Oficial do Estado.

Na década de 1950, com a industrialização do livro e com o trabalho pioneiro da iniciativa privada, realizado pela Livraria Regina, muitas obras acadêmicas foram publicadas, socializando o livro em Sergipe. Dessa época, podemos destacar as publicações dos livros *Dogmática do Direito Penal*, de autoria do acadêmico, magistrado e professor Hunald Santaflor Cardoso; *Direito Civil*, de autoria do professor e acadêmico Gonçalo Rollemberg Leite; *Cajueiro dos papagaios*, de autoria do professor, médico e acadêmico João Batista Perez Garcia Moreno; *Roteiro de Aracaju*, de autoria do jurista, professor e acadêmico Mário Cabral; *Deus é verde*, de autoria do professor e acadêmico Jorge de Oliveira Neto; *Trinolejos e Rouxinoleios*, de autoria do poeta e acadêmico Josué Tabira, entre outros.

Neste breve esboço histórico do sodalício sergipano, não poderíamos deixar de mencionar a luta da escritora, poeta e romancista Núbia Marques, para ingressar na Academia. A sua pugna foi incessante e as resistências para o seu projeto eram muito fortes. Havia uma corrente de acadêmicos que não aceitava o ingresso de mulheres na instituição, mesmo com a

abertura da Academia Brasileira de Letras, que, no dia 4 de agosto de 1977, elegia a romancista Raquel de Queiroz para a Cadeira nº 5.

Núbia Marques demoveu as barreiras que lhes antepunham e, a 17 de março de 1978, era empossada na Cadeira nº 34, na sucessão do poeta Clodoaldo de Alencar. O seu ingresso na Academia incentivou outras mulheres a postularem cadeiras acadêmicas, a exemplo de Ofenísia Soares Freire, Carmelita Pinto Fontes, Maria Thetis Nunes, Gizelda Santana de Moraes, Marlene Alves Calumby, Aglaé D'Ávila Fontes, Clara Leite de Rezende, Maria Lígia Madureira Pina, Luzia Maria da Costa Nascimento, Ana Maria do Nascimento Fonseca Medina, Patrícia Verônica Sobral de Souza.

Vale destacar ainda, a fundação do Movimento de Apoio Cultural, em 25 de agosto de 1985, na primeira gestão do acadêmico Antônio Garcia Filho. Este órgão, composto de vinte membros, destinou-se a colaborar e apoiar as atividades culturais da Academia. Depois, passou a ser denominado de Movimento Cultural Antônio Garcia Filho, em homenagem ao seu já falecido fundador.

A Academia, cumprindo com a sua função social, tem se destacado nos últimos anos, na construção de uma sociedade digna, fraterna, pluralista e sem preconceitos, acreditando que através da educação e da

preservação dos bens culturais, poderemos alcançar o desenvolvimento do país. Para isso, empenha-se na promoção à pesquisa, no estudo, preservação e difusão da literatura, das ciências, das artes, da língua e da cultura em todas as suas manifestações.

Dentro desse diapasão contribui para o desenvolvimento cultural do Estado de Sergipe, através de congressos, seminários, palestras, cursos, concursos literários, publicações, divulgação e intercâmbio com entidades culturais brasileiras e estrangeiras. Outros convênios, objetivando a preservação das atividades culturais, são mantidos pela instituição acadêmica, principalmente com a Academia Sergipana de Medicina, a Academia Paulista de Letras, a Universidade Federal de Sergipe, a Secretaria de Estado da Cultura, o Lions Clube Aracaju – Centro, o Colégio Tobias Barreto, o Estado de Sergipe e o Município de Aracaju. Ademais, com a finalidade de manter preservada a memória acadêmica e de ressaltar as atividades de pessoas e de instituições no fortalecimento de ações culturais voltadas para o aprimoramento da sociedade, foram instituídas a Medalha do Mérito Cultural Silvio Romero, a mais alta condecoração da Academia Sergipana de Letras, destinada àqueles detentores de méritos culturais relevantes, no que foi acompanhada pelas placas honoríficas Ofenísia Soares Freire, para a Cultura; Orlando Dantas, para o Jornalismo; Marcos

Ferreira de Jesus, para a Política e Horácio Hora, para as Artes Plásticas.

Vê-se, então, que os acadêmicos confundem-se, assim, com a própria Academia, pois esta sobrevive com a produção literária, artística ou científica daqueles, especialmente, na promoção à pesquisa, ao estudo, à preservação e à difusão da literatura, das ciências, das artes, da língua e da cultura, em todas as suas formas de manifestação. **C**



anos

EDISE expande atuação do mercado literário sergipano

Investir para aumentar a qualidade e a produtividade. Este tem sido o caminho adotado pela Editora do Diário Oficial de Sergipe (EDISE), que completou no dia 17 de novembro de 2016, sete anos de existência. A Editora é um órgão suplementar da Empresa Pública de Serviços Gráficos de Sergipe (Segrase). Ao longo

dos últimos anos, as ações ultrapassaram o campo da produção e edição de livros bem como publicações de revistas e material gráfico, levando a EDISE a se inserir no campo dos grandes eventos literários do Brasil e do exterior.

Em 2016 a Editora participou da terceira edição de um dos eventos mais relevantes do universo literário no Brasil, a Bienal Brasil do Livro e da Leitura, que

aconteceu entre os dias 21 e 30 de outubro, no Estádio Nacional Mané Garrincha, em Brasília (DF). Para este evento a EDISE levou 16 títulos. Naquele mesmo mês de outubro mais 16 obras participaram da 4ª Feira Universitária do Livro, realizada pela Editus - Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), em Ilhéus (BA). A Feira se consolidou no calendário cultural da universidade e abre espaço para outras editoras apresentarem seus trabalhos.

Os caminhos da Editora Diário Oficial chegaram à Feira do Livro de Gotemburgo, na Suécia, entre os dias 22 e 25 de setembro. Foram selecionados quatro livros para representar a editora naquela edição do evento. Em agosto, 24 obras foram expostas na 24ª Bienal Internacional de São Paulo, em São Paulo (SP), em um módulo no estande da Associação Brasileira das Editoras Universitárias



Leitores prestigiam o estande da Edise na XVII Bienal Internacional do Livro, que aconteceu em setembro, no Rio de Janeiro (RJ), em 2015.



EDISE divulga a produção de livros na II Bienal do Livro de Itabaiana realizada em 2013.



A Flise aconteceu em Aracaju e a Edise marcou presença.



Bienal do Livro de São Paulo.

-- ABEU. A Bienal reuniu as principais editoras, livrarias e distribuidoras do País.

“A riqueza da literatura sergipana, vai estar sempre presente em eventos voltados para a literatura. O esforço do Governo do Estado volta-se para assegurar a divulgação nacional daqueles que constroem a literatura estadual - tratados científicos, romances, contos e poesias, com o olhar para a política, a sociologia, a economia, os aspectos sociais e a literatura”, diz o diretor Industrial, Milton Alves.

Em 2015 a Editora esteve na XVII Bienal Internacional do Livro, que aconteceu em setembro, no Rio de Janeiro (RJ). Dez títulos e a nona edição da Revista Cumbuca estavam presentes no evento.

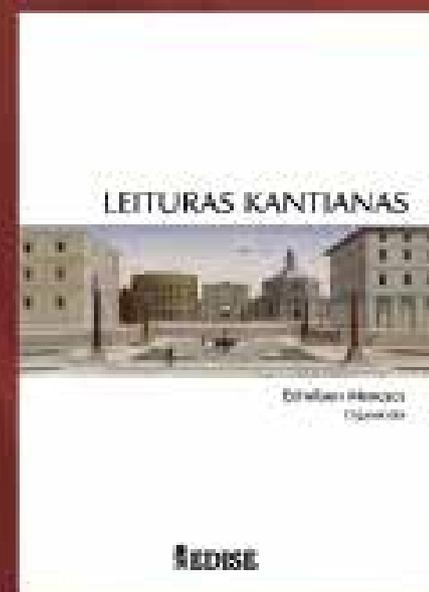
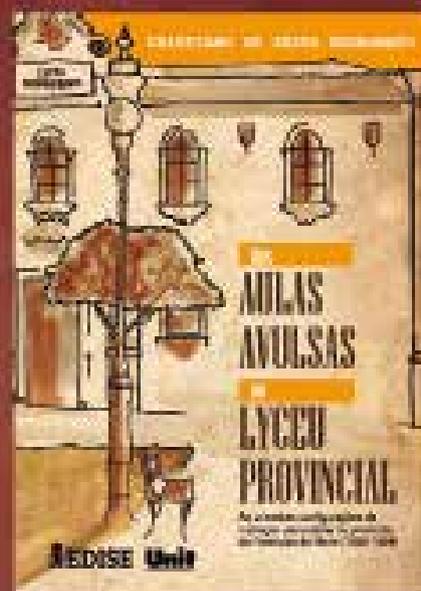
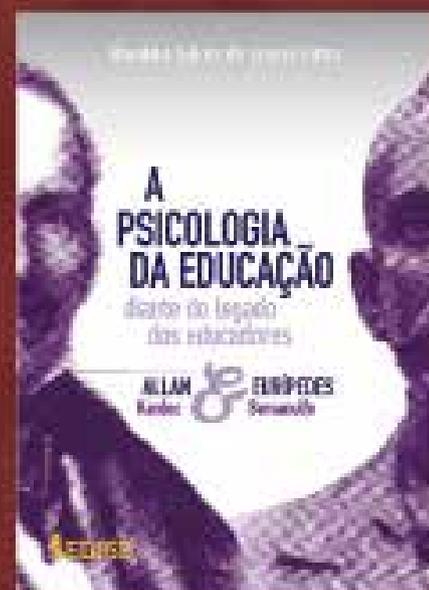
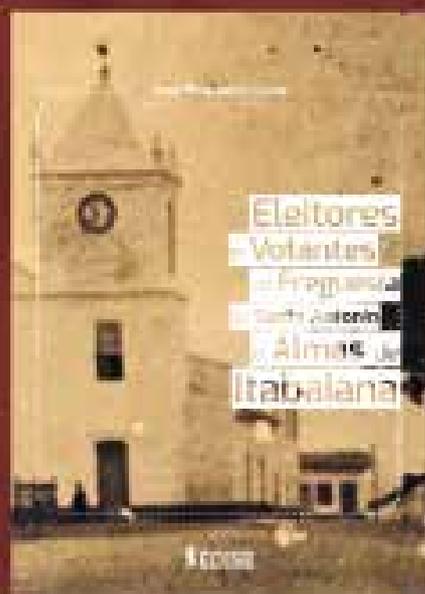
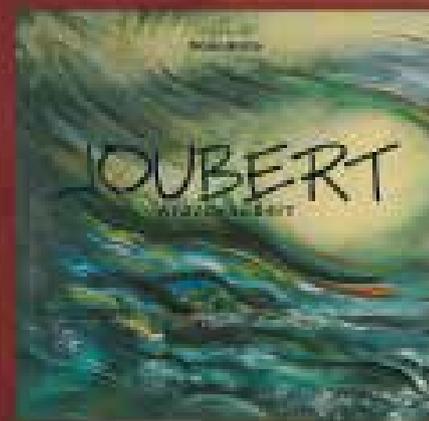
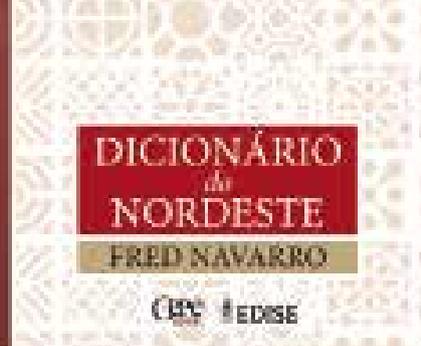
Outro marco em 2015 foi a participação da EDISE na I Feira de Leitura e do Livro de Sergipe (Flise), que aconteceu de 6 a 8 de novembro de 2015, no Parque Augusto Franco, em Aracaju. Além da exposição e venda de li-

vros, o estande da EDISE contou com recital de poesias, oficinas de montagem de mini livros e origames, painel poético - onde os visitantes deixaram registradas suas poesias.

No ano de 2013, a II Bienal do Livro de Itabaiana contou com a participação da EDISE, que apresentou 20 títulos. Foi uma oportunidade de divulgar a produção de livros da editora sergipana e de participar de um evento que valoriza a boa leitura.

Em 2012 foi a primeira vez que a EDISE incursionou internacionalmente, participando da Feira de Frankfurt (Alemanha) - considerada a mais importante feira de livros do mundo. O diferencial do evento é que o mesmo não é destinado ao varejo, mas sim a editores que buscam títulos com perspectivas de tradução e publicação em outros países. No mesmo ano, a EDISE esteve na 22ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, onde apresentou 12 títulos, expostos no estande da ABEU. **C**

“ A EDISE tem a grande satisfação em fazer parte dessas histórias. ”



facebook.com/segrase

Email: segrase@segrase.se.gov.br

Rua Propina, 207 - Centro - Aracaju/SE
16-3208-7421

Tenha nossos livros em sua casa.
Compre pelo site www.segrase.se.gov.br



